

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O PAPEL DA EXPOSIÇÃO DOS FILHOS AO CONFLITO  
CONJUGAL NA RELAÇÃO ENTRE O *COPING* DIÁDICO E A  
SATISFAÇÃO CONJUGAL**

**Inês Catarina da Quinta Baptista**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

2017

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O PAPEL DA EXPOSIÇÃO DOS FILHOS AO CONFLITO  
CONJUGAL NA RELAÇÃO ENTRE O *COPING* DIÁDICO E A  
SATISFAÇÃO CONJUGAL**

**Inês Catarina da Quinta Baptista**

Dissertação orientada pela Professora Doutora Luana Cunha Ferreira

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

2017

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Luana Cunha Ferreira pela sua constante disponibilidade, pela exigência e pelo rigor. Pela motivação nos momentos de maior “pânico”. Obrigada por tudo professora!

À Professora Doutora Isabel Narciso, por todos os conselhos e por todo o conhecimento que transmitiu no início desta etapa.

À minha mãe, o meu pilar, por ter acreditado sempre em mim e nunca me ter deixado desistir em qualquer momento, e por toda a paciência que teve nesta longa caminhada.

Ao meu pai, pelo carinho que me deu e pela preocupação que teve para que nunca me faltasse nada.

À minha irmã, por estar sempre do meu lado apoiando-me em todas as minhas decisões...

Aos meus avós, pelo orgulho que demonstram em todos os telefonemas que me fazem e por nunca deixarem de acreditar em mim.

A toda a minha família que sempre mostrou confiança nas minhas capacidades e fez com que eu acreditasse que isto era possível.

À Inês Isabel e à Filipa Marques, por estarem sempre comigo, pela amizade que construímos juntas durante estes cinco anos...que seja apenas o início!

À Joana e à Sara, por partilharem comigo os seus conhecimentos que me ajudaram bastante e por todos os conselhos.

À Carolina e à Vera, que apesar de terem seguido caminhos diferentes do meu nunca deixaram de estar presentes na minha vida.

Às minhas amigas Inês, Filipa, Iolanda e Catarina, obrigada pelos sorrisos, gargalhadas...por me confortarem nos momentos mais difíceis.

Ao André, pela paciência que sempre teve comigo e por estar sempre disponível para me ouvir.

A todos os participantes que se disponibilizaram a perder um pouco do seu tempo para responder aos questionários.

## Resumo

O recasamento tem em Portugal aumentado marcadamente nos últimos anos. Uma vez que estudos anteriores se têm focado apenas nas crianças que fazem parte de famílias recompostas torna-se relevante estudar também alguns aspetos do funcionamento conjugal, visto que a avaliação das crianças relativamente ao conflito entre os pais é influenciada pelos aspetos do contexto. Desta forma, o presente estudo tem como objetivo principal analisar a relação da exposição dos filhos ao conflito conjugal com o *coping* diádico e a satisfação conjugal, analisando também as diferenças entre casais recasados e intactos. Para além disto, pretende também investigar as diferenças de género e idade na relação entre estas variáveis. A amostra foi constituída por 298 participantes, com filhos entre os 6 e os 12 anos. O protocolo de investigação incluiu um questionário sociodemográfico, o *Dyadic Coping Inventory* (Bodenmann, 2008; Vedes, Nussbeck, Bodenman, Lind, & Ferreira, 2013), o *O’Leary Porter Scale* (O’Leary & Porter, 1980) e o *Kansas Marital Satisfaction Scale* (Schumm et al., 1986; Versão Portuguesa: Antunes, Francisco, Pedro, Ribeiro & Santos, 2014). Os resultados mostram que a exposição dos filhos ao conflito conjugal entre os pais, em casais intactos, tem um papel mediador entre o *coping* diádico e a satisfação conjugal, embora o mesmo não se verifique para os recasados. No entanto, nos recasados, a exposição dos filhos ao conflito conjugal entre o/a pai/mãe e o/a atual parceiro/a medeia a relação entre o *coping* diádico e a satisfação conjugal. Outros resultados são discutidos, assim como algumas limitações do presente estudo e a sugestão de que investigações futuras explorem o papel do intervalo de transição entre o divórcio e o recasamento, e ainda a relação entre enteados e madrastas/padrastos.

**Palavras-chave:** Exposição ao conflito conjugal; *Coping* Diádico; Satisfação conjugal; Recasamento

## **Abstract**

In recent years, remarriage has been markedly increasing in Portugal. Since previous studies have mostly been focused on the children who are part of blended families, it becomes relevant to also study some aspects of marital functioning, as children's assessment of conflict between parents is influenced by context. Consequently, the main objective of this study is to analyze the relationship between childrens' exposure to conjugal conflict and dyadic coping and conjugal satisfaction. Additionally, this study aims to examine differences between remarried and intact couples. Also, it intends to investigate gender and age differences in the relationship between the study variables. The sample consisted of 298 participants, with children between the ages of 6 and 12 years. The research protocol included a social-demographic questionnaire, the Dyadic Coping Inventory (Bodenmann, 2008; Vedes, Nussbeck, Bodenman, Lind, & Ferreira, 2013), the O'Leary Porter Scale (O'Leary & Porter, 1980) and Kansas Marital Satisfaction Scale (Schumm et al., 1986; Portuguese Version: Antunes, Francisco, Pedro, Ribeiro & Santos, 2014). The results show that in intact couples, the exposure of children to marital conflict between parents mediates the association between dyadic coping and marital satisfaction, although not in remarried couples. However, in remarried couples, the exposure of children to marital conflict between parents and the current partner mediates the relationship between dyadic coping and marital satisfaction. Other results are discussed, along limitations of the study and implications for future research.

**Key-words:** Exposure to marital conflict; Dyadic Coping; Marital Satisfaction; Remarriage

## Índice

1. Introdução.....	1
2. Enquadramento Teórico.....	2
2.1. A satisfação conjugal .....	3
2.2. A relação entre <i>coping</i> diádico e satisfação conjugal .....	5
2.3. A exposição dos filhos ao conflito conjugal e o <i>coping</i> diádico.....	7
2.4. Desenho do estudo, objetivos e hipóteses.....	9
3. Método.....	10
3.1. Participantes.....	10
3.2. Procedimento .....	11
3.3. Instrumentos.....	11
3.4. Análise Estatística.....	13
4. Resultados.....	13
4.1. Estatística descritiva e comparação de médias .....	13
4.2. Análise de correlações .....	17
5. Discussão dos Resultados .....	21
6. Conclusão .....	26
Referências Bibliográficas.....	27

### **Anexos:**

#### **Anexo A – Consentimento Informado**

#### **Anexo B – Protocolo de Investigação**

## Índice de Quadros

### **Quadro I.**

Estatísticas Descritivas das Variáveis em Estudo e Diferenças de Médias em Função da Situação Conjugal do Participante.....15

### **Quadro II.**

Estatísticas Descritivas das Variáveis em Estudo e Diferenças de Médias em Função do Género do Participante.....16

### **Quadro III.**

Intercorrelação entre as Variáveis em Estudo.....18

### **Quadro IV.**

Análise de Regressão Múltipla para a Variável Dependente Satisfação Conjugal.....20

## Índice de Figuras

### **Figura 1.**

Mapa Concetual.....	10
---------------------	----



# O papel da exposição dos filhos ao conflito conjugal na relação entre o *coping* diádico e a satisfação conjugal

## 1. Introdução

Em Portugal, nos últimos anos, o número de recasamentos tem vindo a aumentar. De 2015 para 2016 verificou-se um aumento de 4.11% (INE, 2017). Segundo Lobo (2005), o recasamento é definido como o casamento de indivíduos que passaram por uma relação anterior terminada por divórcio ou viuvez. A literatura tem dado mais importância às crianças destas famílias esquecendo o funcionamento conjugal das mesmas (Sweeney, 2010; Eeden-Moorefield & Pasley, 2008, 2013). De modo a contribuir para esta lacuna na investigação, o presente estudo dirige a sua atenção para o casal, nomeadamente no que diz respeito ao *coping* diádico e à satisfação conjugal. Uma vez que existem evidências científicas de que o funcionamento familiar é um aspeto relevante para a reatividade das crianças ao conflito conjugal (Davies, Cummings, & Winter, 2004), e não existindo estudos que investiguem a ligação da exposição dos filhos ao conflito conjugal com o *coping* diádico e com a satisfação conjugal, torna-se relevante investigar a relação entre estes três construtos.

A presente dissertação encontra-se organizada por vários capítulos. Em primeiro lugar, é apresentada uma revisão de literatura sobre o *coping* diádico, a satisfação conjugal e a exposição dos filhos ao conflito conjugal, onde se pode também encontrar aspetos que se relacionem a estas variáveis e as lacunas encontradas. De seguida, o Método dá a conhecer o processo metodológico, incluindo a caracterização da amostra e o procedimento para a sua recolha, os instrumentos utilizados e as etapas para a análise estatística. Posteriormente, segue-se a análise descritiva e a discussão dos resultados, e por fim, na conclusão, são elaborados os principais contributos do presente estudo, as suas limitações e implicações para investigações futuras.

## 2. Enquadramento Teórico

A partir de 2011, em Portugal, verificou-se um decréscimo no número de divórcios (PORDATA, 2015), uma alteração aparentemente devida à diminuição de casamentos e ao aumento de uniões de facto. Os últimos dados divulgados, relativamente ao divórcio, pelo Instituto Nacional de Estatística revelam que a taxa de divórcios no ano de 2013 foi de 70.4% (INE, 2015). Apesar deste declínio, em 2016, 42.62% dos casamentos correspondiam a recasamentos (PORDATA, 2017). Esta percentagem de recasamentos poderá estar associada à taxa de divórcios.

As crianças são sensíveis às interações interparentais, nomeadamente no que diz respeito à qualidade afetiva do comportamento e ao modo de comunicação interparental (Cummings, Goeke-Morey & Papp, 2003; Goeke-Morey, Cummings, Harold, & Shelton, 2003). Embora Pasley e Lee (2010) indiquem que o conflito conjugal é maior nos recasamentos do que nos primeiros casamentos, os temas destes conflitos parecem estar associados a temas idênticos (filhos/enteados e questões financeiras). Nos recasamentos a principal fonte de conflito são os filhos, enquanto nos primeiros casamentos esta está ligada a questões financeiras (Stanley, Markman, & Whitton, 2002). No entanto, a adaptação a uma vida familiar que não seja de primeira união pode envolver mais desafios, principalmente porque no caso de existirem filhos há uma necessidade de manter ligações entre os ex-companheiros contemporaneamente ao estabelecimento de novas relações conjugais e familiares (Beaudry, Boisvert, Simard, Parent & Blais, 2004). Desta forma, os casais podem estar mais suscetíveis de experienciar situações de stress que afetam negativamente a qualidade da relação (Randall & Bodenmann, 2009). O *coping* diádico – os esforços de um ou de ambos os membros do casal para lidar com situações de stress – tem-se revelado na literatura científica como um moderador do impacto negativo do stress na relação (Falconier, Nussbeck & Bodenmann, 2013), sendo por isso considerado de extrema importância para a satisfação conjugal (Levesque, Lafontaine, Caron, Flesch & Bjornson, 2014). Tendo em conta os desafios pelos quais os casais têm que enfrentar, e a importância que o funcionamento da família tem para as crianças, é necessário compreender a relação da exposição dos filhos ao conflito conjugal com o *coping* diádico e com a satisfação conjugal, nomeadamente em contexto de recasamento.

Assim, o presente estudo pretende verificar se existem ou não diferenças entre casais intactos e recasados relativamente à exposição dos filhos ao conflito, ao *coping* diádico e à satisfação conjugal, de forma a contribuir para colmatar algumas lacunas nestes aspetos. Adicionalmente, uma vez que existe interdependência entre o casamento

e a parentalidade (Erel & Burman, 1995; Grych, 2002), e não existindo ainda estudos que verifiquem o papel da exposição dos filhos ao conflito conjugal na relação entre o *coping* diádico e a satisfação conjugal, este estudo pretende também contribuir para o aprofundamento do conhecimento científico sobre esta temática.

### ***2.1.A satisfação conjugal***

A satisfação conjugal resulta de uma avaliação pessoal do casamento<sup>1</sup>, o que apenas permite uma análise a partir do ponto de vista dos membros do casal (Narciso & Ribeiro, 2009). Whisman (1997) sugere um Modelo Integrativo que apresenta um conjunto de fatores que influenciam a satisfação conjugal, sendo estes intrapessoais, interpessoais e contextuais. Os primeiros correspondem às características que descrevem um ou ambos os membros do casal (e.g. características da personalidade), já os interpessoais dizem respeito às características que descrevem a relação entre os membros do casal (e.g. comunicação, conflitos). Por fim, os fatores contextuais referem-se às características do meio que também podem influenciar a satisfação conjugal (e.g. contexto social do casal). Da mesma forma, segundo Narciso (2001), a satisfação conjugal é influenciada por três fatores: fatores centrípetos, fatores centrífugos e fator tempo. Os primeiros correspondem aos que surgem diretamente da relação conjugal, em que se incluem os processos afetivos (e.g. sentimentos), comportamentais (e.g. conflitos) e cognitivos (e.g. expectativas). Os fatores centrífugos dizem respeito aqueles que não são tão centrais relativamente à interação do casal, no entanto influenciam-no e são por ele influenciados. Aqui estão compreendidos os fatores pessoais, como as características pessoais, padrões de vinculação; os fatores contextuais como as suas famílias de origem, rede social; e os fatores demográficos como idade, género e nível socioeconómico. Por fim, o fator tempo envolve o tempo de duração do casamento, as etapas normativas e os acontecimentos de vida não normativos, afetando os outros dois fatores e sendo por eles afetado. De uma outra perspetiva, Gottman e Silver (2000) sugerem o Modelo de Sucesso Conjugal, que permite fazer uma distinção entre casais felizes e casais infelizes, embora sem uma definição clara para estes dois termos. Assim, mesmo os casais felizes são encarados como tendo problemas ou conflitos em diferentes assuntos no seu dia-a-dia, existindo momentos de maior ou menor satisfação. Neste modelo, também são

---

<sup>1</sup> O presente estudo também inclui uniões de facto, ou seja, uma relação afetiva estável e com compromisso como sendo um casamento.

considerados vários fatores que se cruzam e originam diferentes níveis de satisfação (Gottman & Silver, 2000). Os três modelos consideram a satisfação conjugal quase como um todo que é maior do que a soma das partes (Bertalanffy, 1968), uma vez que é influenciada por vários fatores que surgem na vida de cada indivíduo.

Relativamente às diferenças de género, vários estudos indicam que as mulheres demonstram ter níveis mais baixos de satisfação conjugal do que os homens (e.g. Jackson, Miller, Oka & Henry, 2014; Bir-Akturk & Fisiloglu, 2009). Isto pode ser explicado pela maior participação das mulheres nas tarefas domésticas (Baxter, 2000; Portugal, 2008; Fontaine, Andrade, Matias, Gato & Mendonça, 2007) e dos seus cuidados prestados aos filhos (Bianchi & Milkie, 2010). Outros estudos (e.g., Croyle & Waltz, 2002; Strazdins & Broom, 2004) referem que os níveis mais baixos de satisfação conjugal nas mulheres estão associados ao facto de estas estarem mais conscientes do clima emocional da relação (Croyle & Waltz, 2002) e mais propensas para monitorizar a qualidade emocional da relação conjugal (Loscocco & Walzer, 2013). Para além do fator género mas ao longo da relação conjugal a satisfação do casal pode variar por outros fatores, como por exemplo na transição para a parentalidade (Lawrence, Rothman, Cobb, Rothman & Bradbury, 2008).

O casamento passa por transformações ao longo do ciclo de vida familiar e, assim, o nível de satisfação conjugal também pode variar no decorrer do tempo de relação entre o casal (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin, 2004). Os resultados do estudo de Bir-Akturk e Fisiloglu (2009) indicam que não existem diferenças entre recasamentos e primeiros casamentos relativamente à satisfação conjugal, um resultado surpreendente tendo em conta que as probabilidades de separação são mais altas após o primeiro divórcio (McCarthy & McCarthy, 2005, citado por McCarthy & Ginsberg, 2007; Cherlin & Furstenberg, 1994; Coleman, Ganong & Fine, 2000). No entanto, Bir-Akturk e Fisiloglu (2009) revelam também que os casais recasados que residem com os filhos/enteados têm satisfação conjugal mais baixa do que aqueles em que os filhos não residem com eles e aqueles que não têm filhos. Este resultado pode ser explicado pela falta de tempo que o casal necessita para interagir, sendo este dedicado aos cuidados com os filhos (Bernstein, 2002), sendo que a presença de filhos é mais provável em segundos casamentos. Assim, estas diferenças poderão não estar associadas à situação conjugal mas sim à existência de filhos, principalmente se estes residirem com o casal.

As competências de comunicação entre o casal revelam ter um papel preditor na satisfação conjugal de homens e mulheres (Beaudry, Boisvert, Simard, Parent & Blais,

2004). Uma boa comunicação dentro do casal está associada a uma menor frequência de conflitos e a um maior nível de satisfação conjugal (Markman & Hahlweg, 1993), comparativamente com a presença de dificuldades em comunicar, incluindo as decorrentes de lidar com emoções negativas e as necessárias para resolver conflitos, que aparentam estar na base da deterioração de uma relação (Kaiser & Hahlweg, 1997; Markman & Hahlweg, 1993).

### ***2.2.A relação entre coping diádico e satisfação conjugal***

O *coping* diádico tem emergido como um preditor da satisfação da relação em numerosos estudos (Bodenmann, Pihet & Kayser, 2006; Herzberg, 2013; Papp & Witt, 2010). Este processo corresponde aos esforços que um ou os dois membros do casal utilizam para lidar face ao stress (Bodenmann & Cina, 2006). Num estudo recente de Falconier, Jackson, Hilpert e Bodenmann (2015), os resultados mostram que as formas mais positivas de *coping* diádico predizem melhor a satisfação conjugal do que as formas mais negativas. No entanto, outros estudos (Bodenmann, Meuwly, Bradbury, Gmelch, & Ledermann, 2010; Papp & Witt, 2010) identificaram, outros tipos de *coping* diádico como associados à satisfação conjugal.

O Modelo Transacional do Stress, de Bodenmann (1995), surgiu como uma das primeiras concetualizações do stress e do *coping* como um processo social incutido nas relações de intimidade diádicas, focando-se particularmente nos membros de um casal. De acordo com este modelo, existe interdependência entre os membros do casal, ou seja, o stress de um não se restringe a ele próprio, já que afeta as experiências e o bem-estar do parceiro (Bodenmann, 1995, 2005). É um processo onde um dos membros comunica o seu stress ao outro, que transforma a informação recebida em forma de *coping* diádico. Esta pode ser positiva (*coping* diádico apoiante, comum e delegado) em que o objetivo é restaurar o equilíbrio do indivíduo e do casal face à situação de stress, ou negativa (hostil, ambivalente e superficial), quando a tentativa para regular o stress é expressa através de negatividade (Bodenmann, 2005; Falconier, Randall & Bodenmann, 2016). O *coping* diádico positivo pode ser distinguido pelo foco na regulação de emoções ou na resolução de problemas. O *coping* diádico apoiante acontece quando é fornecido apoio ao parceiro através de atividades, como ajudar em tarefas diárias, dar conselhos, mostrar empatia na compreensão do stress, ajudar o parceiro a fazer um reenquadramento da situação, expressar a crença nas capacidades do parceiro. Este tipo de *coping* não corresponde apenas a um comportamento altruísta mas envolve esforços para apoiar o parceiro de

forma a reduzir o seu próprio stress (Bodenmann, 1995). O *coping* diádico comum ocorre com a participação dos dois membros do casal de forma simétrica ou complementar com o objetivo de lidar com questões relevantes para a díade. Assim, são utilizadas estratégias como a resolução de problemas em conjunto, a procura de informação, a partilha de sentimentos, o compromisso mútuo e o relaxamento em conjunto. Neste tipo de *coping*, ambos experienciam o stress e tentam gerir a situação em conjunto. O *coping* diádico delegado corresponde ao apoio que um dos membros fornece ao outro assumindo as responsabilidades de modo a reduzir o stress experienciado pelo parceiro, sendo este apoio pedido de forma explícita. No *coping* diádico hostil, o apoio fornecido é acompanhado por desprezo, distanciamento, sarcasmo, desinteresse ou minimização da importância do stress por parte do parceiro que fornece o apoio. O *coping* diádico ambivalente corresponde ao apoio dado de má vontade ou acompanhado por uma atitude de que este é desnecessário, fazendo com que o parceiro sinta que a sua prestação de apoio seja um fardo. Por fim, o *coping* diádico superficial refere-se a um apoio que não é sincero, e é fornecido sem motivação, compreensão e empatia, como por exemplo, questionar o parceiro sobre os seus sentimentos e não ouvir a resposta (Bodenmann, 2005; Bodenmann, Randall & Falconier, 2016).

O estudo de Falconier, Jackson, Hilpert e Bodenmann (2015), tinha como objetivo determinar a magnitude, a precisão e a significância do *coping* diádico como preditor da satisfação da relação. Nesta meta-análise de cariz estatístico, foram incluídos 72 estudos. As formas de *coping* diádico positivas demonstram ser preditores mais fortes do que as formas de *coping* diádico negativo. Adicionalmente, outros estudos (Bodenmann, Meuwly, Bradbury, Gmelch, & Ledermann, 2010; Papp & Witt, 2010) indicam que o *coping* diádico comum e o *coping* diádico apoiante estão associados à satisfação da relação.

O stress do dia-a-dia tem um papel crucial na compreensão das relações próximas já que aparenta ser “tóxico” para a qualidade e estabilidade da relação (Randall & Bodenmann, 2009). Os resultados do estudo de Zemp, Bodenmann, Backes, Sutter-Stickel e Revenson (2016), sugerem que o *coping* diádico dos pais merece maior consideração dentro do contexto de desenvolvimento dos seus filhos, uma vez que esta variável é preditora dos sintomas de externalização, internalização e comportamentos pró-sociais das crianças. Desta forma será importante explorar o efeito que o *coping* diádico tem nas crianças. Outros estudos (e.g., Bodenmann, 2000; Neff & Karney, 2004; Karney, Story & Bradbury, 2005) apresentam evidências empíricas de que o stress tem

uma influência significativa na comunicação e satisfação conjugal, e no desenvolvimento de relações íntimas. Bodenmann et al. (2006) consideram importante investigar como os casais lidam com os eventos stressantes, quais as estratégias que identificam, os estilos de *coping* que são eficazes na gestão do stress e quais demonstram ter um impacto negativo nas relações íntimas.

Até ao momento, não encontramos estudos que tenham investigado especificamente quais os tipos de *coping* diádico mais utilizados pelos casais recasados como forma a ultrapassar as situações de stress. Na mesma linha, existem também poucas evidências que diretamente relacionem a exposição dos filhos ao conflito conjugal com o *coping* diádico.

### ***2.3.A exposição dos filhos ao conflito conjugal e o coping diádico***

Num dos poucos estudos que existem focados na relação entre a exposição dos filhos ao conflito conjugal e o *coping* diádico, Gabriel e Bodenmann (2006) investigaram a relação entre o *coping*, as competências parentais e o *stress* dos pais relacionado com o desacordo parental associado às crianças. Os resultados mostram que o *coping* diádico funcional pode ser um moderador que atenua o impacto do *stress* parental nas crianças. Do mesmo modo, num outro estudo, Zemp, Merriles & Bodenmann (2014) concluíram que o *coping* diádico dos pais diminui o impacto da negatividade resultante das interações interparentais nos seus filhos. McCoy, Cummings e Davies, (2009) referem que a ligação e o *coping* diádico do casal não serve apenas para a intimidade mas pode também promover a segurança emocional das crianças, podendo atenuar os efeitos prejudiciais da negatividade dos pais.

O conflito conjugal é inevitável em qualquer relação de intimidade, tanto em casais satisfeitos como em casais insatisfeitos (Baucom e Epstein, 1990; Cutrona, 1996; Fletcher, Thomas & Durrant, 1999; Storaasli e Markman, 1990). No entanto, é uma forma de stress (Barletta & O'Mara, 2006) identificado como o maior preditor do desajustamento da criança (Cummings & Davies, 2011), pois os filhos expostos ao conflito conjugal são suscetíveis a uma variedade de problemas emocionais e comportamentais (Barletta & O'Mara, 2006). Grych e Fincham (1990) sugerem que a avaliação, por parte das crianças do conflito entre os pais é influenciada pela forma como o conflito é expresso e pelos aspetos do contexto familiar como, por exemplo, a relação da criança com os pais.

A avaliação das crianças relativamente ao conflito entre os pais foi investigada por Fosco e Grych (2007). Os resultados deste estudo mostram que as crianças reportam mais perceção de ameaça, auto-culpa e angústia emocional quando expostas a conflitos interparentais com altos níveis de hostilidade e agressividade e quando os conflitos envolvem questões relacionadas com elas. De forma complementar, Grych, Raynor & Fosco (2004) num estudo com o objetivo de investigar como é que o conflito interparental pode afetar o ajustamento psicológico, revelaram que aqueles que têm relações mais próximas e apoiantes com os pais demonstram menor perceção de ameaça e auto-culpa nas respostas ao desacordo interparental. Consistente com estes estudos, DeBoard-Lucas, Fosco, Raynor & Grych (2010) concluem que as atribuições de auto-culpa das crianças relativamente ao conflito entre os pais parecem depender da parentalidade, nomeadamente da qualidade da vinculação e dos comportamentos parentais, pois a parentalidade apoiante atenua o impacto do desacordo parental nas crianças uma vez que diminui as avaliações.

Adicionalmente, Shelton, Walters e Harold (2008) concluíram que o conflito interparental pode afetar as crianças de forma diferente consoante a tipologia familiar. Os resultados mostram que as crianças de famílias intactas percebem o conflito entre os pais como ameaçador e culpam-se a si próprias pelo mesmo, já as crianças de famílias recompostas não são afetadas, a não ser que os papéis parentais<sup>2</sup> se tornem mais hostis e rejeitantes, tendo um impacto negativo na criança.

Assim, embora poucos, existem alguns estudos que relacionam a exposição dos filhos ao conflito conjugal com o *coping* diádico, no entanto tal não se verifica quanto à relação entre a exposição dos filhos ao conflito e a satisfação conjugal, já que não encontramos estudos recentes que relacionem estas duas variáveis. Assim, torna-se imprescindível fazer uma breve abordagem à literatura que existe até ao momento.

As interações negativas entre os casais estão associadas a níveis mais baixos de satisfação conjugal e altos níveis de divórcio ou separação (Gottman & Notarius, 2000; Karney & Bradbury, 1995; Markman & Hahlweg, 1993, citado por Stanley, Markman, & Whitton, 2002). Gottman (1998, citado por Johnston, 1993) refere que o conflito conjugal pode ser mais perturbador quando ocorre em contexto de insatisfação conjugal, e que o que distingue casais conjugalmente insatisfeitos de casais conjugalmente satisfeitos são os padrões negativos que os primeiros expressam relativamente aos conflitos.

---

<sup>2</sup> Dos pais biológicos ou dos padrastos/madrastas



Dada a pouca literatura existente sobre a relação entre a exposição dos filhos ao conflito conjugal e a satisfação conjugal há uma necessidade de colmatar estas lacunas na investigação.

## **2.4.Desenho do estudo, objetivos e hipóteses**

O presente estudo tem como objetivo principal analisar a relação da exposição dos filhos ao conflito conjugal com o *coping* diádico e a satisfação conjugal, analisando também as diferenças entre casais recasados e intactos. Para além disto, considera-se importante investigar as diferenças de género e idade na relação entre estas variáveis.

Partindo das evidências empíricas mencionadas no enquadramento teórico, o estudo pretende responder às seguintes hipóteses:

**Hipótese 1:** Nas famílias recompostas existem maiores níveis de exposição dos filhos ao conflito conjugal do que nas famílias intactas

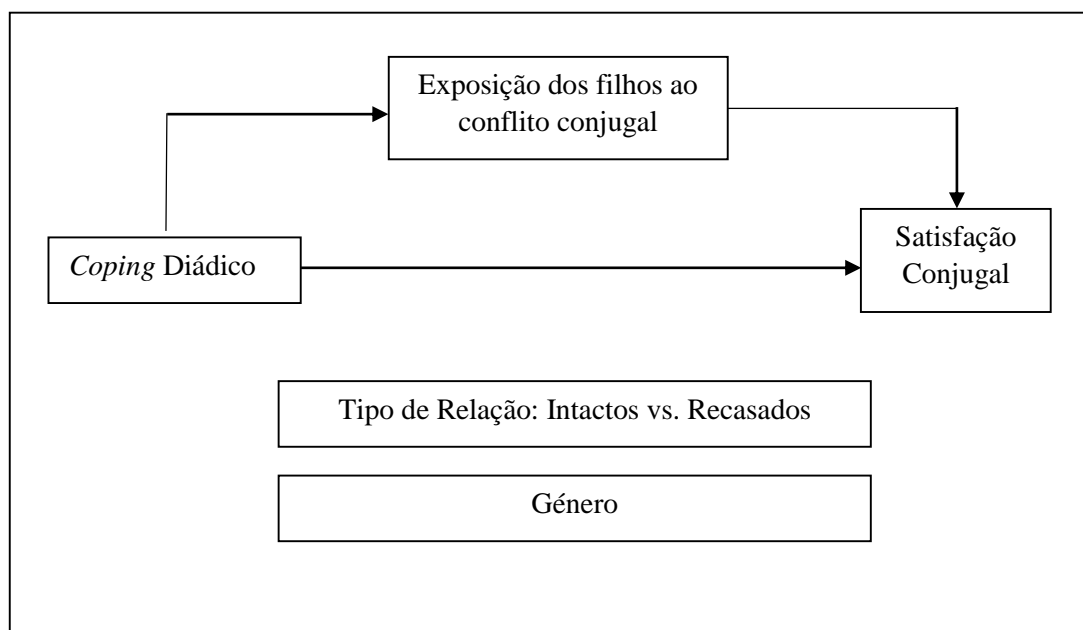
**Hipótese 2:** Não existem diferenças entre casais recasados e intactos relativamente à satisfação conjugal

**Hipótese 3:** Casais que apresentem formas positivas de *coping* diádico estão mais satisfeitos com a sua relação conjugal do que casais que apresentem formas negativas de *coping* diádico

**Hipótese 4:** A exposição dos filhos ao conflito conjugal é menor quando o casal demonstra formas positivas de *coping* diádico do que quando apresenta formas negativas

Uma vez que não existe literatura relativamente ao estudo do papel da exposição dos filhos ao conflito conjugal na relação entre o *coping* diádico e a satisfação conjugal o presente estudo considera-se um estudo exploratório.

De seguida, apresenta-se o mapa concetual das variáveis do presente estudo (Figura 1).



**Figura 1.** Mapa Concetual

### 3. Método

#### 3.1.Participantes

A amostra foi constituída por 298 participantes ( $N = 298$ ), dos quais 69.1% eram mulheres ( $n = 206$ ) e 30.9% ( $n = 92$ ) homens, com idades compreendidas entre os 24 e os 59 anos ( $M = 41.24$ ,  $SD = 5.815$ ). Dos participantes, cerca de 68.1% ( $n = 203$ ) estavam casados ou em coabitação, sendo que destes 23.8% ( $n = 71$ ) tratam-se de recasamentos. A maioria da amostra (77.9%) é residente da Zona da Grande Lisboa, embora também estejam representadas outras localidades.

Os participantes apresentavam diferentes níveis de escolaridade sendo que 39.3% ( $n = 117$ ) frequentou o ensino superior e 32.6% ( $n = 97$ ) frequentou a escola até ao ensino secundário (10º ao 12º ano). Relativamente à situação laboral, 85.2% ( $n = 254$ ) trabalhava por conta de outrem e 4% ( $n = 12$ ) da amostra encontrava-se desempregada. No que diz respeito ao rendimento mensal, 53.4% dos participantes tem um rendimento entre os 1000 e os 2000€, 2% recebe menos de 500€, 15.8% entre os 500 e os 1000€ e 24.8% tem um rendimento acima dos 2000€.

Os participantes identificaram a idade dos seus “filhos-alvo” (em relação a quem responderam ao protocolo) entre os 5 e os 13 anos ( $M = 9.3$ ,  $SD = .027$ ), sendo que 50.3%

eram do sexo feminino ( $n = 150$ ). Relativamente ao número de dias que viviam com os pais ou pai/mãe que participou no estudo, 52.3% ( $n = 156$ ) dos filhos vive 30 dias por mês com estes. Quanto ao nível de escolaridade, 52.3% das crianças frequenta o 1º Ciclo (do 1º ao 4º ano).

### **3.2.Procedimento**

A amostra foi recolhida entre 2016 e 2017, de acordo com os seguintes critérios: (1) ser mãe ou pai de pelo menos uma criança entre os 6 e os 12 anos; e (2) estar num primeiro casamento/coabitação ou ser recasado. Os questionários foram entregues presencialmente a pessoas conhecidas dos mestrandos que estão a recolher participantes nas mesmas condições, ou *online* através de ligação partilhada no Facebook. Deste modo, esta é uma amostra de conveniência recolhida através do método de bola de neve. O consentimento informado foi entregue ao participante juntamente com o questionário, referindo as questões relativas à confidencialidade e possibilidade de desistência, entre outras. Se eventualmente surgissem dúvidas por parte do participante o consentimento mencionava também o contacto do investigador principal. O preenchimento do questionário teve uma duração de cerca 40 minutos.

### **3.3.Instrumentos**

**Questionário Sociodemográfico.** Foram recolhidos dados de cariz sociodemográfico relevantes para o estudo, tais como o sexo, a idade, a escolaridade, o local de residência, a duração do casamento/divórcio/coabitação, o estado civil, a religiosidade, a situação laboral, a profissão, estatuto ocupacional, a constituição do agregado familiar

**Coping Diádico.** Para avaliar o *coping* diádico foi utilizada a versão portuguesa do “Dyadic Coping Inventory” [DCI] (Bondenmann, 2008; Vedes, Nussbeck, Bodenman, Lind, & Ferreira, 2013). Este tem como principal objetivo avaliar o apoio que cada parceiro fornece e recebe do seu companheiro, avaliando também a forma como o casal lida com o stress. O DCI é constituído por 37 itens, cujas respostas são medidas com base numa escala de Likert de 1 (Muito raramente) a 5 (Com muita frequência). A escala inclui 9 sub-escalas: (1) *Comunicação do stress pelo próprio*; (2) *Comunicação do stress pelo parceiro*; (3) *Coping diádico apoiante pelo próprio*; (4) *Coping diádico apoiante pelo parceiro*; (5) *Coping diádico negativo pelo próprio*; (6) *Coping diádico negativo pelo parceiro*; (7) *Coping delegado pelo próprio*; (8) *Coping diádico delegado pelo parceiro*;

(9) *Coping diádico conjunto*. As primeiras 8 sub-escalas descrevem o comportamento demonstrado tanto pelo próprio como pelo parceiro (e.g., *O meu parceiro(a) expressa que está do meu lado./ Demonstro ao meu parceiro(a), através do meu comportamento, quando não ando bem ou quando tenho problemas.*), enquanto a sub-escala do *coping* diádico conjunto descreve o comportamento demonstrado pelos dois membros do casal (e.g., *Tentamos lidar juntos com o problema e procurar soluções apropriadas*). Segundo Vedes et al. (2013), todas as subescalas (com exceção da comunicação do stress pelo próprio nos homens,  $\alpha=0.64$ , e do *coping* diádico focado nos problemas nas mulheres,  $\alpha=0.63$ ) e a escala completa mostram consistência interna adequada ( $\alpha$  varia entre 0.70 e 0.97). O coeficiente do Alfa de Cronbach desta escala no presente estudo é de 0.94.

**Satisfação Conjugal.** A satisfação conjugal foi avaliada através da versão portuguesa da “Kansas Marital Satisfaction Scale” [KMSS] (Schumm et al., 1986; Versão Portuguesa: Antunes, Francisco, Pedro, Ribeiro & Santos, 2014). A KMSS é uma escala composta por 3 itens que avalia a satisfação com a relação de casal, com o cônjuge e com o casamento (e.g., *Em que medida está satisfeito(a) com a sua relação de casal?*) medidos numa escala de Likert que varia entre 1 (Extremamente insatisfeito(a)) e 7 (Extremamente satisfeito(a)). Relativamente à consistência interna, em diversos estudos (Schumm, Scanlon, Crow, Green, & Buckler, 1983; Schumm, Crock, Likcani, Akagi, & Bosch, 2008) verificou-se que esta escala apresenta valores entre 0.84 e 0.98 no coeficiente do Alfa de Cronbach. Neste estudo, este valor é de 0.98.

**Conflito conjugal.** A exposição dos filhos ao conflito conjugal foi avaliada através da versão portuguesa da “O’Leary-Porter Scale” [OPS] (O’Leary & Porter, 1980; Versão Portuguesa: Pedro & Francisco, 2014). Esta escala avalia a perceção dos pais relativamente à frequência no qual o conflito conjugal ocorre na presença dos filhos. É constituída por 10 itens sobre a frequência em que ocorre agressão verbal e física (e.g., *Em todos os casamentos normais há discussões. Que percentagens de discussões entre si e o/a seu/sua companheiro/a diria que acontecem em frente a este/a filho/a?*) e a frequência com que os pais discutem acerca de aspetos relacionados com a disciplina e hábitos do parceiro (e.g., *Com que frequência é que reclama com o/a seu/sua companheiro/a acerca dos vícios pessoais dele/dela em frente a este(a) filho(a)?*). As respostas são medidas através de uma escala de Likert de 1 (Nunca) a 5 (Muito frequentemente). De acordo com Porter e O’Leary (1980), esta escala tem níveis adequados de consistência interna ( $\alpha = 0.96$ ). Neste estudo, o coeficiente do Alfa de Cronbach foi de 0.73.

### 3.4. Análise Estatística

A análise descritiva dos dados foi feita através do *software* estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 23. Para testar as diferenças de médias entre o sexo dos participantes (homens e mulheres) e a condição conjugal atual (íntacta e recasamentos) nas variáveis em estudo foi utilizado o teste *t-Student* de comparação de médias. Os *p-value* superiores ou iguais a 0.05 foram considerados estatisticamente significativos. Seguidamente, de forma a explorar a força da relação entre as variáveis do estudo foram feitas correlações obtendo o coeficiente de correlação de *Pearson*. Por fim, para compreender a relação da exposição dos filhos ao conflito conjugal com o *coping* diádico e a satisfação conjugal foi efetuada uma regressão linear múltipla.

## 4. Resultados

Os resultados mostram que a exposição dos filhos ao conflito conjugal entre os pais, em casais íntactos, tem um papel mediador entre o *coping* diádico e a satisfação conjugal, embora o mesmo não se verifique para os recasados. No entanto, nos recasados, a exposição dos filhos ao conflito conjugal entre o pai/mãe e o/a atual parceiro/a medeia a relação entre o *coping* diádico e a satisfação conjugal. Assim, a exposição dos filhos ao conflito do casal só não tem um importante papel mediador entre o *coping* diádico e a satisfação conjugal em casais recasados quando o conflito ocorre entre os pais.

### Estatística descritiva e comparação de médias

No Quadro I são apresentados os resultados médios das variáveis do presente estudo, nomeadamente do *coping* diádico, da satisfação conjugal e da exposição dos filhos ao conflito conjugal, e também dos respetivos desvios-padrão para os casais íntactos e recasados, pois nesta fase foram analisados em separado. Encontram-se também os resultados do teste de diferenças de médias *t-Student*.

Analisando os resultados relativamente ao *coping* diádico, verificou-se que os casais recasados ( $M = 3.46$ ,  $SD = .94$ ) apresentam médias significativamente superiores aos casais íntactos ( $M = 2.99$ ,  $SD = 1$ ) no *coping* diádico conjunto focado nas emoções ( $t(241) = -3.697$ ,  $p = .000$ , *two-tailed*). A magnitude das diferenças nas médias (diferença média = .125, 95% IC = -.709 a -.217) foi pequena ( $\eta^2 = .054$ ). Não foram encontradas diferenças significativas entre casais íntactos e recasados relativamente às restantes dimensões do *coping* diádico, *coping* diádico global, satisfação conjugal e exposição dos filhos ao conflito conjugal.

No Quadro II estão representadas as diferenças de género da amostra no que diz respeito ao *coping* diádico, satisfação conjugal e exposição dos filhos ao conflito conjugal. No que se refere ao *coping* diádico, os resultados revelam diferenças estatisticamente significativas, sendo que os homens apresentam valores mais elevados ( $M = 3.48$ ,  $SD = .35$ ) do que as mulheres ( $M = 3.28$ ,  $SD = .64$ ;  $t(221) = -.927$ ,  $p = .355$ , *two-tailed*). A magnitude das diferenças nas médias (diferença média = -1.99, 95% *IC* = -.326 a -.718) foi pequena ( $\eta^2 = .04$ ). Ainda relativamente ao *coping* diádico, os resultados correspondentes à comunicação do *stress*, ou seja, demonstrar ao parceiro necessidade de ajuda em condições de *stress*, indicam uma diferença estatisticamente significativa, verificando-se que os homens ( $M = 3.83$ ,  $SD = .53$ ) apresentam valores mais altos do que as mulheres ( $M = 3.59$ ,  $SD = .80$ ;  $t(239) = -.605$ ,  $p = .546$ , *two-tailed*). A magnitude do efeito nestas diferenças (diferença média = -.247, 95% *IC* = -.413 a -.081) foi pequena ( $\eta^2 = .033$ ). Para a exposição dos filhos ao conflito conjugal, os resultados são significativamente mais elevados para as mulheres ( $M = 19.74$ ,  $SD = 5.27$ ) do que para os homens ( $M = 18.36$ ,  $SD = 4.69$ ), referindo-se apenas à exposição dos filhos ao conflito entre os pais, não se verificando qualquer diferença significativa relativamente à exposição dos filhos ao conflito com o/a parceira de recasamento. A magnitude do efeito na diferença entre homens e mulheres face à exposição dos filhos ao conflito conjugal (diferença média = 1.377, 95% *IC* = .008 a 2.745) foi pequena ( $\eta^2 = .015$ ). Quanto à satisfação conjugal, não se verificam diferenças significativas para homens e mulheres.

## Quadro I.

### *Estatísticas Descritivas das Variáveis em Estudo e Diferenças de Médias em Função da Situação Conjugal do Participante*

	Magnitude	Intactos (n=132)		Recasados (n=113)		Diferenças entre grupos	
		M	DP	M	DP	t	p
<b><i>Coping Diádico</i></b>	.004	3.37	.44	3.43	.39	-.927	.355
Comunicação do Stress	.002	3.70	.59	3.75	.62	-.605	.546
<i>Coping</i> Diádico apoiante focado nas emoções	.000	4.02	.72	4.02	.63	.003	.998
<i>Coping</i> Diádico apoiante focado nos problemas	.006	3.74	.71	3.64	.70	1.155	.249
<i>Coping</i> Diádico delegado	.006	3.72	.78	3.83	.62	-1.21	.237
<i>Coping</i> Diádico negativo	.002	1.90	.67	1.98	.81	-.761	.448
<i>Coping</i> Diádico conjunto focado nos problemas	.002	4.09	.84	4.01	.72	.739	.460
<i>Coping</i> Diádico conjunto focado nas emoções	.054	2.99	1	3.46	.94	-3.697	<b>.000</b>
<b><i>Exposição dos filhos ao conflito conjugal</i></b>							
Pais biológicos	.003	19.36	5.24	19.99	5.07	-.808	.420
Pai/Mãe e Madrasta/Padrasto	--	--	--	18.96	5.24	.975	.331
<b><i>Satisfação Conjugal</i></b>	.003	17.66	3.43	17.33	3.14	.784	.434

## Quadro II.

### *Estatísticas Descritivas das Variáveis em Estudo e Diferenças de Médias em Função do Género do Participante*

	Magnitude	Homens (n = 92)		Mulheres (n = 206)		Diferenças entre grupos	
		M	DP	M	DP	t	p
<b><i>Coping Diádico</i></b>	.04	3.48	.352	3.28	.637	-3.083	<b>.002</b>
Comunicação do Stress	.033	3.83	.53	3.59	.803	-2.930	<b>.004</b>
<i>Coping</i> Diádico apoiante focado nas emoções	.012	4.06	.608	3.89	.914	-1.770	.078
<i>Coping</i> Diádico apoiante focado nos problemas	.01	3.74	.654	3.59	.881	-1.616	.108
<i>Coping</i> Diádico delegado	.004	3.77	.603	3.68	.913	-.938	.349
<i>Coping</i> Diádico negativo	.006	2.00	.779	1.88	.732	-1.191	.235
<i>Coping</i> Diádico conjunto focado nos problemas	.009	4.08	.649	3.92	1.018	-1.511	.132
<i>Coping</i> Diádico conjunto focado nas emoções	.003	3.26	1.019	3.13	1.068	-.905	.366
<b><i>Exposição dos filhos ao conflito conjugal</i></b>							
Pais biológicos	.015	18.36	4.69	19.74	5.271	1.981	.049
Pai/Mãe e Madrasta/Padrasto	.000	18.96	5.796	19.07	5.082	.115	.909
<b><i>Satisfação Conjugal</i></b>	.003	17.50	3.565	17.10	3.804	-.814	.416



### **Análise de correlações**

No Quadro III encontram-se representados os valores das correlações entre as variáveis analisadas, obtidas através do coeficiente de correlação de *Pearson*.

Analisando os resultados obtidos, verifica-se que o *coping* diádico se correlaciona positiva e fortemente com a satisfação conjugal ( $r = .589, p = .00$ ). No que diz respeito às dimensões do *coping* diádico, verifica-se que o *coping* diádico delegado, o *coping* diádico apoiante focado nas emoções, o *coping* diádico conjunto focado nos problemas e o *coping* diádico apoiante focado nos problemas apresentam uma correlação positiva e forte com a satisfação conjugal. A comunicação do stress e o *coping* diádico conjunto focado nas emoções apresentam uma correlação positiva e moderada com a satisfação conjugal. Pode-se verificar ainda que o *coping* diádico negativo revela uma correlação negativa e fraca com a satisfação conjugal ( $r = -.382, p = .00$ ). Relativamente à exposição dos filhos ao conflito conjugal entre os pais este correlaciona-se de forma negativa e moderada com o *coping* diádico ( $r = -.400, p = .00$ ), verificando-se uma correlação negativa e forte para a exposição dos filhos ao conflito entre mãe/pai e padrasto/madrasta ( $r = -.512, p = .00$ ). No entanto, no que concerne ao *coping* diádico negativo a correlação apresenta ser positiva e fraca, entre os pais ( $r = .298, p = .015$ ), e positiva e forte entre pai/mãe e madrasta/padrasto ( $r = .451, p = .00$ ). No que diz respeito à satisfação conjugal, esta variável encontra-se negativamente correlacionada com a exposição dos filhos ao conflito conjugal, apresentando um efeito forte para a exposição dos filhos ao conflito conjugal entre pai/mãe e madrasta/padrasto ( $r = -.504, p = .00$ ) e moderada para a exposição dos filhos ao conflito conjugal entre os pais ( $r = -.379, p = .00$ ).

### Quadro III.

#### Intercorrelação entre as Variáveis em Estudo

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1. <i>Coping</i> Diádico	--										
2. Comunicação do Stress	.810**	--									
3. <i>Coping</i> Diádico apoiante focado nas emoções	.786**	.607**	--								
4. <i>Coping</i> Diádico apoiante focado nos problemas	.767**	.566**	.822**	--							
5. <i>Coping</i> Diádico delegado	.782**	.537**	.782**	.712**	--						
6. <i>Coping</i> Diádico negativo	-.209*	-.297**	-.618**	-.557**	-.410**	--					
7. <i>Coping</i> Diádico conjunto focado nos problemas	.843**	.640**	.776**	.725**	.680**	-.424**	--				
8. <i>Coping</i> Diádico conjunto focado nas emoções	<b>.682**</b>	.428**	.556**	.587**	.554**	-.334**	.662**	--			
9. Exposição dos filhos ao conflito conjugal entre os Pais	-.400**	-.247*	-.494**	-.524**	-.344**	.298*	-.368**	-.369**	--		
10. Exposição dos filhos ao conflito conjugal Mãe/Pai e Padrasto/Madrasta	-.512**	<b>-.404**</b>	-.642**	-.614**	-.560**	.451**	-.539**	-.381**	<b>.762**</b>	--	
11. Satisfação Conjugal	<b>.589**</b>	.435**	<b>.611**</b>	<b>.625**</b>	.546**	-.382**	<b>.583**</b>	<b>.510**</b>	-.379**	-.504**	--

Nota. \*\* A correlação é significativa no nível 0.01 ( $p < 0.01$ ). \* A correlação é significativa no nível 0.05 ( $p < 0.05$ )

## Análise de Regressões

De forma a analisar o contributo das variáveis independentes (*coping* diádico e exposição dos filhos ao conflito conjugal entre os pais e entre mãe/pai e padrasto/madrasta) na satisfação conjugal foi efetuada uma regressão linear múltipla.

Em primeiro lugar, verificou-se que não existia colinearidade entre as variáveis independentes, ou seja, não havia uma forte correlação ( $r \geq .9$ ) entre duas ou mais variáveis preditoras no modelo de regressão. Os valores do diagnóstico de colinearidade (VIF) aproximam-se de 1, assim não se verifica qualquer dificuldade em avaliar a importância individual de cada um dos preditores.

Seguidamente foram feitas três regressões lineares múltiplas, nas quais a variável dependente foi a satisfação conjugal. O modelo 1 foi usado para os casais intactos, em que o objetivo era perceber se a exposição dos filhos ao conflito conjugal entre os pais é ou não mediador entre o *coping* diádico e a satisfação conjugal. Este primeiro modelo explica 37.1% ( $p = .00$ ) da variância da satisfação conjugal, ou seja, o *coping* diádico e a exposição dos filhos ao conflito conjugal contribuem em 37.1% para os resultados da satisfação conjugal. O modelo 2 e 3 foram utilizados para os casais recasados. O modelo 2 pretendia compreender se a exposição dos filhos ao conflito conjugal entre os pais tem um papel de mediador entre o *coping* diádico e a satisfação conjugal. A variância explicada por este modelo é de 30.9% ( $p = .00$ ). Por fim, o modelo 3 visa perceber se existe um papel mediador da exposição dos filhos ao conflito conjugal entre a mãe/pai e padrasto/madrasta entre o *coping* diádico e a satisfação conjugal. Neste modelo a variância explicada é de 40.9% ( $p = .006$ ).

Analisando os resultados, verifica-se que a exposição dos filhos ao conflito conjugal entre os pais ( $\beta = -.272$ ,  $p = .001$ ) é um mediador da relação entre o *coping* diádico e a satisfação conjugal em casamentos de primeira união. No entanto, este papel mediador não se encontra em recasamentos relativamente à exposição dos filhos ao conflito entre os pais mas sim quando o conflito ocorre entre mãe/pai e padrasto/madrasta ( $\beta = -.254$ ,  $p = .006$ ).

#### Quadro IV.

##### *Análise de Regressão Múltipla para a Variável Dependente Satisfação Conjugal*

Variáveis	Modelo 1				Modelo 2				Modelo 3			
	B	SE B	$\beta$	Sig.	B	SE B	$\beta$	Sig.	B	SE B	$\beta$	Sig.
<i>Coping</i> Diádico	3.500	.613	.452***	.000	5.141	1.011	.555***	.000	4.019	.780	.471***	.000
Exposição dos filhos ao conflito conjugal entre os Pais	-.180	.052	-.272**	.001								
Exposição dos filhos ao conflito conjugal Mãe/Pai e Padrasto/Madrasta	-	-	-	-	-	-	-	-	-.154	.055	-.254	.006
R <sup>2</sup>			.371				.309				.409	
F para $\Delta R^2$			11.789				25.882				7.759	

\*\*\*  $p < .001$ . \*\*  $p < .01$ . \*  $p < .05$

## 5. Discussão dos Resultados

O presente estudo pretende contribuir para o aumento e aprofundamento do conhecimento científico sobre o funcionamento conjugal, nomeadamente no que se refere à presença das crianças no conflito entre parceiros. A investigação nesta área apresenta algumas lacunas, essencialmente no que diz respeito à relação entre a exposição dos filhos ao conflito conjugal com o *coping* diádico e com a satisfação conjugal.

Relativamente à exposição dos filhos ao conflito conjugal, verificou-se que não existem diferenças entre casais intactos e recasados, não confirmando assim a primeira hipótese de que os casais recasados apresentam maiores níveis do que os intactos na exposição dos filhos ao conflito. Stanley, Markman e Whitton (2002) referem que os casais que discutem mais sobre questões financeiras apresentam maiores níveis de conflito do que outros casais. Uma vez que a maioria da nossa amostra demonstra pertencer ao estatuto socioeconómico médio-elevado, tal poderá explicar em parte a inexistência de diferenças. Por outro lado, os nossos resultados demonstraram ainda que os casais recasados utilizam com maior frequência o *coping* diádico conjunto focado nas emoções do que os casais intactos. Weingarten (1985) refere que os indivíduos recasados são mais suscetíveis de apresentar dificuldades emocionais. O que para tal pode contribuir que a construção de uma nova família solicite a adaptação de todos os indivíduos, incluindo também a redefinição de papéis e de novas regras (Coleman, Ganong & Fine, 2004).

Os resultados sugerem a existência de diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito ao *coping* diádico, sendo que os homens apresentam níveis mais elevados do que as mulheres. Falconier, Nussbeck e Bodenmann (2013) reportaram diferenças de género relativamente ao *coping* diádico, sugerindo que o *coping* diádico comum e apoiante fornecido pelos homens pode atenuar os aspetos negativos que possam afetar a sua satisfação conjugal. No entanto, o mesmo não se verificou com as mulheres, sendo que o *coping* que estas forneciam ao parceiro não se associava à satisfação conjugal. Estas diferenças podem estar relacionadas com a forma possivelmente diferente como, em termos gerais, os homens e as mulheres lidam com o stress, uma vez que os homens parecem focar-se mais nos problemas (foco na solução) e as mulheres parecem dar maior atenção às emoções (foco no processo) (Ptacek, Ptacek, & Dodge, 1994; Ptacek, Smith, & Dodge, 1994; Vingerhoets & Van Heck, 1990, citado por Badr, 2004). Este facto pode explicar os resultados do nosso estudo que demonstram que os homens utilizam mais a comunicação do stress do que as mulheres.

A análise das diferenças de médias em função da situação conjugal não revelou a existência de diferenças significativas na satisfação conjugal entre casais intactos e recasados. Estes resultados são coerentes com alguns estudos (Bir-Akturk & Fisiloglu 2009; Fine, Donnelly, & Voydanoff, 1986). Porém existem outros autores (Waldren, Bell, Peek, & Sorell, 1990) que contradizem este resultado, indicando que as diferenças entre os dois grupos se devem à menor coesão (Bray & Berger, 1993) e ajustamento das famílias recasadas. A coesão familiar varia ao longo do tempo, sendo que podem ocorrer mudanças aquando uma transição no ciclo de vida familiar (Baer, 2002), sendo que a transição no recasamento tende a ocorrer nos primeiros dois anos (Bray & Hetherington, 1993). Uma vez que a duração do casamento dos participantes recasados do nosso estudo é de aproximadamente cinco anos, possivelmente a transição já foi ultrapassada e por isso não são encontradas diferenças.

No que se refere à satisfação conjugal, os resultados confirmam a terceira hipótese: os casais que utilizam formas de *coping* diádico positivo têm maior satisfação conjugal do que os casais que utilizam formas negativas, sendo este resultado apoiado pela literatura (Falconier, Jackson, Hilpert, & Bodenmann, 2015; Wunderer & Schneewind, 2008; Bodenmann & Cina, 2006). Tal como em investigações anteriores (Bodenmann, Meuwly, Bradbury, Gmelch, & Ledermann, 2010; Papp & Witt, 2010; Wunderer & Schneewind, 2008), o *coping* diádico apoiante é a forma que os casais utilizam para lidar com o stress que melhor se correlaciona com a satisfação conjugal. Vários estudos (Amato, Booth, Johnson, & Rogers, 2007; Zuo, 1992) mostram que os casais que passam mais tempo juntos em atividades partilhadas apresentam níveis de satisfação conjugal mais altos. Deste modo, o *coping* diádico apoiante caracterizado pelo apoio ao parceiro através de atividades no dia-a-dia (Bodenmann, 1995) parece ser a forma que os casais arranjam para uma relação satisfeita. Contrariamente ao que alguns estudos referem (Jackson, Miller, Oka & Henry, 2014; Bir-Akturk & Fisiloglu, 2009), nos resultados do presente estudo não se verificam diferenças entre homens e mulheres relativamente à satisfação conjugal. A literatura (Grote, Naylor, & Clark, 2002; Wilcox & Nock, 2006) mostra que a divisão de tarefas está associada à satisfação conjugal. Sayer (2005) fez uma análise tendo verificado que a participação dos homens nas tarefas domésticas tem vindo a aumentar. Em Portugal, já existem muitos homens e mulher com dupla carreira profissional fazendo com que tenham que gerir melhor as tarefas domésticas, nomeadamente os cuidados com os filhos (Wall, Alboim & Cunha, 2010). Deste modo, possivelmente os nossos resultados podem ser parcialmente explicados pelo

aumento da participação dos homens nas tarefas domésticas e assim uma maior igualdade de papéis.

É também importante salientar a forte correlação encontrada entre a exposição dos filhos ao conflito conjugal e a exposição dos filhos ao conflito entre o/a pai/mãe e o/a atual parceiro/a. De acordo com McCarthy e Ginsberg (2007), quando após um divórcio e posterior recasamento o conflito com o ex-cônjuge se mantém, existe a probabilidade do casamento atual ser prejudicado devido a conflitos, maioritariamente sobre questões financeiras e sobre a parentalidade, podendo levar a problemas conjugais com o parceiro atual.

Os resultados mostram ainda que a exposição dos filhos ao conflito conjugal é menor quando são utilizadas formas positivas de *coping* diádico, confirmando assim a última hipótese. Esta suposição foi estabelecida com base nos diversos estudos relacionados com os processos de *coping* nos casais (Bodenmann, 2005; Bodenmann, Pihet, & Kayser, 2006; Papp & Witt, 2010), em que referem que os esforços de um dos membros do casal para apoiar o stress experienciado pelo parceiro (*coping* diádico apoiante) e que os esforços comuns do casal para lidar com stressores comuns (*coping* diádico comum) estão positivamente associados à qualidade e satisfação conjugal, e aparentam melhorar o comportamento durante os conflitos. Bodenmann et al. (2010) mostram que quanto maiores os níveis de *coping* diádico apoiante e comum menores os níveis de agressão verbal. Uma possível explicação para estes resultados poderá incidir no papel protetor que o *coping* diádico dos pais aparenta ter nas crianças (Gabriel & Bodenmann, 2006; Zemp, Merriles & Bodenmann, 2014; McCoy, Cummings, & Davies, 2009).

Por fim, analisando a relação entre os três construtos do nosso estudo verificou-se que a exposição dos filhos ao conflito entre os pais tem um papel mediador entre o *coping* diádico e a satisfação conjugal em casais intactos. Porém, o mesmo não se pode concluir nos casais recasados, pois o papel mediador apenas foi encontrado para a exposição dos filhos ao conflito entre o/a pai/mãe e o/a atual parceira/o. A literatura (Buunk & Mutsaers, 1999; Knox & Zusman, 2001) sugere que quanto maior o conflito entre os ex-cônjuges menor a satisfação conjugal no recasamento. Kelly (2003) refere que após o divórcio o conflito continua por mais dois ou três anos. Possivelmente, o facto da exposição dos filhos ao conflito entre pai/mãe e a/o atual parceira/o não mediar o *coping* diádico e a satisfação conjugal no recasamento pode estar associado ao baixo conflito entre os pais.

Este resultado pode ainda estar ligado ao facto de o divórcio já ter ocorrido há pelo menos cinco anos na maioria da amostra.

### **Limitações e direções futuras**

O presente estudo decorreu com algumas limitações que devem ser referidas. Primeiramente, tendo em conta a seleção da amostra por conveniência e não representativa, a generalização dos resultados encontra-se a um primeiro nível, limitada. O facto da maioria dos participantes residirem na zona da Grande Lisboa limita adicionalmente a generalização dos resultados para a população. Ainda, no que diz respeito às características da amostra, ressalva-se o facto de uma elevada percentagem (69.1%) dos participantes ser do sexo feminino.

Relativamente ao preenchimento do protocolo, vários participantes não o chegaram a devolver (aproximadamente 10 participantes), porventura por causa da sua extensão, já que alguns participantes que demoraram mais tempo a entregar mencionaram esse facto. Por outro lado, o facto de os questionários não terem sido preenchidos na presença do investigador, não garante que a presença de uma outra pessoa não tenha causado constrangimento nas respostas, como por exemplo relativamente à satisfação conjugal.

O questionário é de auto-relato, levando assim a uma maior probabilidade de conduzir os indivíduos a responderem de acordo com respostas socialmente desejadas (Adams, Matthews, Ebbeling, Moore, Cunningham, Fulton, & Hebert, 2005), nomeadamente em temas mais sensíveis como é a exposição dos filhos ao conflito conjugal.

Relativamente às escalas utilizadas, a “Kansas Marital Satisfaction Scale” [KMSS] (Schumm et al., 1986; Versão Portuguesa: Antunes, Francisco, Pedro, Ribeiro & Santos, 2014) foi utilizada num estudo de Crane, Middleton e Bean (2000) com o objetivo de demonstrar a sua utilidade. Uma das limitações encontradas nesse estudo com esta escala foi o facto de a amostra não conter uma ampla variedade de casais, ou seja, a aplicação da escala foi utilizada com casais de primeira união, sendo também uma limitação que se pode estender ao nosso estudo.

Contudo, apesar das suas limitações, este estudo contribui, tal como era o seu objetivo, para o aprofundamento do conhecimento sobre o funcionamento conjugal nos recasamentos, potenciando a reflexão sobre as implicações para a intervenção clínica e deixando algumas sugestões para futuras investigações.



Para futuras investigações, terá alguma pertinência perceber se o tempo entre o divórcio e o novo casamento tem alguma influência no funcionamento conjugal, analisando também neste tempo de transição a adaptação do novo casal e dos filhos. Uma vez que no recasamento ocorre a construção de uma nova família, seria também interessante compreender o papel da relação entre enteados/as e madrastas/padrastos na satisfação conjugal e no conflito conjugal, analisando também as diferenças de gênero das crianças e dos novos membros familiares. Seria também relevante investigar a ligação que a relação entre os pais pode ter na atual relação conjugal relativamente a diferentes aspetos do funcionamento conjugal (e.g., satisfação conjugal, conflito conjugal, intimidade). Por último, os estudos qualitativos poderiam também ser utilizados para uma melhor compreensão desses fenómenos.

As transições conjugais começam pelas mudanças de papéis e relacionamentos familiares, tendo implicações para o ajustamento dos membros da família (Bray & Berger, 1993). Neste sentido, o recasamento exige um processo de transição (Pasley & Moorefield, 2004; Sweeney, 2010). Assim, de forma a ajudar os casais a um ajustamento adequado à nova família será importante promover a comunicação, a gestão eficaz dos conflitos e a partilha de papéis e responsabilidades (Petch & Halford, 2008). Por outro lado, também é importante fomentar as competências de *coping* diádico de modo a que cada um dos membros do casal compreenda melhor o stress do parceiro e o próprio stress, melhorando as suas capacidades para resolver problemas e promovendo a comunicação.

## **6. Conclusão**

As famílias recompostas têm vindo a aumentar ao longo dos anos (PORDATA, 2017), sendo essencial conhecer o que as caracteriza de forma a promover um funcionamento familiar positivo. Os indivíduos envolvidos no processo de transição ao recasamento são expostos a uma série de desafios, tanto o casal como as crianças, e por isso é necessário haver um ajustamento.

Nesse sentido, o presente estudo pretendeu contribuir para o alargamento dos conhecimentos ao nível do funcionamento conjugal nestas famílias, sobretudo o papel que a exposição dos filhos ao conflito conjugal desempenha na forma como o casal lida com o stress e os efeitos que pode ter na satisfação conjugal. Assim, torna-se relevante intervir com os casais e com as crianças envolvidas. A intervenção deve focar-se na desconstrução de expectativas irrealistas (e.g., o parceiro assumir várias funções parentais), no aumento da consciencialização relativamente aos desafios, fortalecer a relação entre o casal, definir o papel da/o madrasta/padrasto e construir uma relação positiva entre enteados e padrastos/madrastas (Michaels, 2006).

Contudo, o presente estudo tem também implicações para a literatura, uma vez que contribuiu para aumentar o conhecimento da relação entre a exposição dos filhos ao conflito conjugal e a satisfação conjugal. Adicionalmente, alguns resultados apoiam estudos anteriores, sendo que outros são contrastantes o que poderá ser útil para investigações futuras.

## Referências Bibliográficas

- Adams, S. A., Matthews, C. E., Ebbeling, C. B., Moore, C. G., Cunningham, J. E., Fulton, J., & Hebert, J. R. (2005). The effect of social desirability and social approval on self-reports of physical activity. *American journal of epidemiology*, 161(4), 389-398.
- Amato, P. R., Booth, A., Johnson, D. R., & Rogers, S. J. (2007). Alone together. *Age*, 232.
- Badr, H. (2004). Coping in marital dyads: A contextual perspective on the role of gender and health. *Personal relationships*, 11(2), 197-211.
- Baer, J. (2002). Is family cohesion a risk or protective factor during adolescent development?. *Journal of Marriage and Family*, 64(3), 668-675.
- Barletta, J., & O'Mara, B. (2006). A review of the impact of marital conflict on child adjustment. *Australian Journal of Guidance and Counselling*, 16, 91-105. doi: 10.1375/ajgc.16.1.91
- Baucom, D. H., & Epstein, N. (1990). *Cognitive behavioral marital therapy*. Nova Iorque, Brunner/Mazel.
- Baxter, J. (2000). The joys and justice of housework. *Sociology*, 34(4), 609-631.
- Beaudry, M., Boisvert, J. M., Simard, M., Parent, C., & Blais, M. C. (2004). Communication: A key component to meeting the challenges of stepfamilies. *Journal of Divorce & Remarriage*, 42(1-2), 85-104.
- Bernstein, A. C. (2002). Recasamento: redesenhando o casamento. *Casais em Perigo – Novas diretrizes para terapeutas*. Porto Alegre: Artmed, 297-322.
- Bertalanffy, L. von (1968). *General system theory*. New York: Brazziler.
- Bianchi, S. M., & Milkie, M. A. (2010). Work and family research in the first decade of the 21st century. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 705-725.
- Bir-Akturk, E., & Fisiloglu, H. (2009). Marital satisfaction in Turkish remarried families: Marital status, stepchildren, and contributing factors. *Journal of Divorce & Remarriage*, 50(2), 119-147.
- Bodenmann, G. (1995). A systemic-transactional conceptualization of stress and coping in couples. *Swiss Journal of Psychology*, 54(1), 34-49.

- Bodenmann, G. (2000). *Stress und coping bei Paaren* [Stress and coping in couples]. Göttingen, Germany: Hogrefe.
- Bodenmann, G. (2005). Dyadic coping and its significance for marital functioning. In T. A. Reverson, K. Kayser, & G. Bodenmann (Eds), *Couples coping with stress: Emerging perspectives on dyadic coping* (33-50). Washington DC: American Psychological Association.
- Bodenmann, G., & Cina, A. (2006). Stress and coping among stable-satisfied, stable distressed and separated/divorced swiss couples. *Journal of Divorce & Remarriage*, 44(1), 71-80. doi:10.1300/J087v44n01\_04.
- Bodenmann, G., Meuwly, N., Bradbury, T. N., Gmelch, S., & Ledermann, T. (2010). Stress, anger, and verbal aggression in intimate relationships: Moderating effects of individual and dyadic coping. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27(3), 408-424.
- Bodenmann, G., Pihet, S., & Kayser, K. (2006). The relationship between dyadic coping and marital quality: A 2-year longitudinal study. *Journal of Family Psychology*, 20(3), 485 – 493.
- Bray, J. H., & Berger, S. H. (1993). Developmental Issues in StepFamilies Research Project: Family relationships and parent-child interactions. *Journal of Family Psychology*, 7(1), 76.
- Bray, J. H., & Hetherington, E. M. (1993). Families in transition: Introduction and overview. *Journal of Family Psychology*, 7(1), 3.
- Buunk, B. P., & Mutsaers, W. (1999). The nature of the relationship between remarried individuals and former spouses and its impact on marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 13(2), 165.
- Cherlin, A. J., & Furstenberg Jr, F. F. (1994). Stepfamilies in the United States: A reconsideration. *Annual review of sociology*, 20(1), 359-381.
- Crane, D. R., Middleton, K. C., & Bean, R. A. (2000). Establishing criterion scores for the Kansas marital satisfaction scale and the revised dyadic adjustment scale. *American Journal of Family Therapy*, 28(1), 53-60.

- Coleman, M., Ganong, L., & Fine, M. (2000). Reinvestigating remarriage: Another decade of progress. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 1288-1307.
- Coleman, M., Ganong, L., & Fine, M. (2004). Communication in stepfamilies. *Handbook of family communication*, 215-232.
- Croyle, K. L., & Waltz, J. (2002). Emotional awareness and couples' relationship satisfaction. *Journal of Marital and Family Therapy*, 28(4), 435-444.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2011). *Marital conflict and children: An emotional security perspective*. New York: Guilford.
- Cummings, E. M., Goeke-Morey, M. C., & Papp, L. M. (2003). Children's responses to everyday marital conflict tactics in the home. *Child development*, 74(6), 1918-1929.
- Cutrona, C. E. (1996). Social support as a determinant of marital quality. In *Handbook of social support and the family* (pp. 173-194). Springer US.
- Davies, P. T., Cummings, E. M., & Winter, M. A. (2004). Pathways between profiles of family functioning, child security in the interparental subsystem, and child psychological problems. *Development and psychopathology*, 16(03), 525-550.
- DeBoard-Lucas, R. L., Fosco, G. M., Raynor, S. R., & Grych, J. H. (2010). Interparental conflict in context: Exploring relations between parenting processes and children's conflict appraisals. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 39, 163-175. doi: 10.1080/15374410903532593
- Eeden-Moorefield, B. V., & Pasley, K. (2008). A longitudinal examination of marital processes leading to instability in remarriages and stepfamilies. *The international handbook of stepfamilies: Policy and practice in legal, research, and clinical environments*, 231-249.
- Eeden-Moorefield, B., & Pasley, B. K. (2013). Remarriage and stepfamily life. *Handbook of marriage and the family*, 517-546.
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological bulletin*, 118(1), 108.

- Falconier, M. K., Jackson, J. B., Hilpert, P., & Bodenmann, G. (2015). Dyadic coping and relationship satisfaction: A meta-analysis. *Clinical psychology review*, 42, 28-46.
- Falconier, M. K., Randall, A. K., & Bodenmann, G. (Eds.). (2016). *Couples coping with stress: A cross-cultural perspective*. Routledge.
- Falconier, M. K., Nussbeck, F., & Bodenmann, G. (2013). Immigration stress and relationship satisfaction in Latino couples: The role of dyadic coping. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 32(8), 813-843.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS*. Sage publications.
- Fine, M. A., Donnelly, B. W., & Voydanoff, P. (1986). Adjustment and satisfaction of parents: A comparison of intact, single-parent, and stepparent families. *Journal of Family Issues*, 7(4), 391-404.
- Fletcher, G., Thomas, G., & Durrant, R. (1999). Cognitive and behavioral accommodation in close relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16(6), 705-730.
- Fontaine, A. M., Andrade, C., Matias, M., Gato, J., & Mendonça, M. (2007). *Family and work division in dual earner families in Portugal*. In I. Crespi (Ed), *Gender mainstreaming and family policy in Europe: perspectives, research and debates* (pp. 167-198). Macerata: EUM.
- Fosco, G. M., & Grych, J. H. (2007). Emotional expression in the family as a context for children's appraisals of interparental conflict. *Journal of Family Psychology*, 21, 248 – 258. doi: 10.1037/0893-3200.21.2.248
- Gabriel, B., & Bodenmann, G. (2006). Elterliche Kompetenzen und Erziehungskonflikte: Eine ressourcenorientierte Betrachtung von familiären Negativdynamiken [Parental competencies and conflicts related to parenting: A resource-oriented view of negative Dynamics in families]. *Kindheit und Entwicklung*, 15, 9 – 18. doi: 10.1026/0942-5403.15.1.9
- Goeke-Morey, M. C., Cummings, E. M., Harold, G. T., & Shelton, K. H. (2003). Categories and continua of destructive and constructive marital conflict tactics from

- the perspective of US and Welsh children. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 327 – 338.
- Gottman, J. M., & Notarius, C. I. (2000). Decade review: Observing marital interaction. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 927-947.
- Gottman, J. M., & Silver, N. (2000). *Les Couples Heureux ont Leurs Secrets*, Paris, J. C. Lattès.
- Grote, N. K., Naylor, K. E., & Clark, M. S. (2002). Perceiving the division of family work to be unfair: Do social comparisons, enjoyment, and competence matter?. *Journal of Family Psychology*, 16(4), 510.
- Grych, J. H. (2002). Marital relationships and parenting. *Handbook of parenting*, 2, 203-225.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological bulletin*, 108, 267-290.
- Grych, J. H., Raynor, S. R., & Fosco, G. M. (2004). Family processes that shape the impact of interparental conflict on adolescents. *Development and psychopathology*, 16(3), 649.
- Herzberg, P. Y. (2013). Coping in relationships: The interplay between individual and dyadic coping and their effects on relationship satisfaction. *Anxiety, Stress & Coping*, 26(2), 136-153.
- Hetherington, E. M. (1993). An overview of the Virginia Longitudinal Study of Divorce and Remarriage with a focus on early adolescence. *Journal of family psychology*, 7(1), 39.
- Instituto Nacional de Estatística (2015). *Casamentos dissolvidos por divórcio*. Recuperado de: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCo d=0008365&contexto=bd&selTab=tab2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCo d=0008365&contexto=bd&selTab=tab2)
- Jackson, J. B., Miller, R. B., Oka, M., & Henry, R. G. (2014). Gender differences in marital satisfaction: A meta-analysis. *Journal of Marriage and Family*, 76(1), 105-

129. Diversidade e mudança. Como evoluíram as famílias em Portugal?. Lisboa: Instituto Nacional.
- Johnston, J. R. (1993). Family transitions and children's functioning: The case of parental conflict and divorce. *Family, self, and society: Toward a new agenda for family research*, 197-234.
- Kaiser, A., & Hahlweg, K. (1997). The prevention of marital distress in married couples: Efficacy of a compact group training program. *Unpublished manuscript, Technische Universitaet Braunschweig*.
- Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, methods, and research. *Psychological bulletin*, 118(1), 3.
- Karney, B. R., Story, L. B., & Bradbury, T. N. (2005). Marriages in context: Interactions between chronic and acute stress among newlyweds. *Couples coping with stress: Emerging perspectives on dyadic coping*, 13-32.
- Kelly, J. B. (2003). Changing perspectives on children's adjustment following divorce: A view from the United States. *Childhood*, 10(2), 237-254.
- Knox, D., & Zusman, M. E. (2001). Marrying a Man with "Baggage" Implications for Second Wives. *Journal of Divorce & Remarriage*, 35(3-4), 67-79.
- Lawrence, E., Rothman, A. D., Cobb, R. J., Rothman, M. T., & Bradbury, T. N. (2008). Marital satisfaction across the transition to parenthood. *Journal of family psychology*, 22(1), 41.
- Levesque, C., Lafontaine, M. F., Caron, A., Flesch, J. L., & Bjornson, S. (2014). Dyadic empathy, dyadic coping, and relationship satisfaction: A dyadic model. *Europe's Journal of Psychology*, 10(1), 118-134.
- Lobo, C. (2005). Famílias recompostas: revisitar a produção americana (1930-2000). *Sociologia, problemas e práticas*, (48), 91-114.
- Loscocco, K., & Walzer, S. (2013). Gender and the culture of heterosexual marriage in the United States. *Journal of Family Theory & Review*, 5(1), 1-14.



- Markman, H. J., & Hahlweg, K. (1993). The prediction and prevention of marital distress: An international perspective. *Clinical psychology review*, 13(1), 29-43.
- McCarthy, B. W., & Ginsberg, R. L. (2007). Second marriages: Challenges and risks. *The Family Journal*, 15(2), 119-123.
- McCoy, K., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2009). Constructive and destructive marital conflict, emotional security and children's prosocial behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50(3), 270-279.
- Michaels, M. L. (2006). Stepfamily enrichment program: A preventive intervention for remarried couples. *The Journal for Specialists in Group Work*, 31(2), 135-152.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: À procura do padrão que liga*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). Olhares sobre a conjugabilidade. *Lisboa: Editora Coisas de Ler*.
- Neff, L. A., & Karney, B. R. (2004). How does context affect intimate relationships? Linking external stress and cognitive processes within marriage. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30(2), 134-148.
- Norgren, M. D. B. P., Souza, R. M. D., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584.
- Pallant, J. (2010). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS*. Maidenhead.
- Papp, L., & Witt, N. (2010). Romantic partners' individual coping strategies and dyadic coping: Implications for relationship functioning. *Journal of Family Psychology*, 24, 551-559. doi:10.1037/a0020836.
- Pasley, K., & Lee, M. (2010). Stress and coping within the context of stepfamily life. *Families and change: Coping with stressful events and transitions*, 4, 235-261.
- Pasley, K., & Moorefield, B. S. (2004). Stepfamilies. *Handbook of contemporary families*. Thousand Oaks: Sage.

- Petch, J., & Halford, W. K. (2008). Psycho-education to enhance couples' transition to parenthood. *Clinical psychology review*, 28(7), 1125-1137.
- PORDATA (2015). *Divórcios – Qual o número de divórcios?*. Recuperado de: <http://www.pordata.pt/Portugal/Div%C3%B3rcios-323>
- PORDATA (2017). *Casamentos e Divórcios*. Recuperado de: <http://www.pordata.pt/Subtema/Portugal/Casamentos+e+Div%C3%B3rcios-33>
- Porter, B., & O'Leary, K. D. (1980). Marital discord and childhood behavior problems. *Journal of abnormal child psychology*, 8(3), 287-295.
- Portugal, S. (2008). As mulheres e a produção de bem-estar em Portugal.
- Ptacek, J. T., Ptacek, J. J., & Dodge, K. L. (1994). Coping with breast cancer from the perspectives of husbands and wives. *Journal of Psychosocial Oncology*, 12(3), 47-72.
- Ptacek, J. T., Smith, R. E., & Dodge, K. L. (1994). Gender differences in coping with stress: When stressor and appraisals do not differ. *Personality and social psychology bulletin*, 20(4), 421-430.
- Randall, A. K., & Bodenmann, G. (2009). The role of stress on close relationships and marital satisfaction. *Clinical psychology review*, 29(2), 105-115.
- Sayer, L. C. (2005). Gender, time and inequality: Trends in women's and men's paid work, unpaid work and free time. *Social forces*, 84(1), 285-303.
- Schumm, W. R., Crock, R. J., Likcani, A., Akagi, C. G., & Bosch, K. R. (2008). Reliability and validity of the Kansas Marital Satisfaction Scale with different response formats in a recent sample of US Army personnel. *Individual Differences Research*, 6(1).
- Schumm, W. R., Scanlon, E. D., Crow, C. L., Green, D. M., & Buckler, D. L. (1983). Characteristics of the Kansas Marital Satisfaction Scale in a sample of 79 married couples. *Psychological Reports*, 53(2), 583-588.
- Shelton, K. H., Walters, S. L., & Harold, G. T. (2008). Children's appraisals of relationships in stepfamilies and first families. *The international handbook of*

*stepfamilies: Policy and practice in legal, research, and clinical environments*, 250-276.

Stanley, S. M., Markman, H. J., & Whitton, S. W. (2002). Communication, conflict, and commitment: Insights on the foundations of relationship success from a national survey. *Family process*, 41(4), 659-675.

Storaasli, R. D., & Markman, H. J. (1990). Relationship problems in the premarital and early stages of marriage: A test of family development theory. *Journal of Family Psychology*, 2, 80-98.

Strazdins, L., & Broom, D. H. (2004). Acts of love (and work): Gender imbalance in emotional work and women's psychological distress. *Journal of Family Issues*, 25(3), 356-378.

Sweeney, M. M. (2010). Remarriage and stepfamilies: Strategic sites for family scholarship in the 21st century. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 667-684.

Vedes, A., Nussbeck, F. W., Bodenmann, G., Lind, W., & Ferreira, A. (2013). Psychometric properties and validity of the Dyadic Coping Inventory in Portuguese. *Swiss Journal of Psychology*.

Waldren, T., Bell, N. J., Sorell, G., & Peek, C. (1990). Cohesion and adaptability in post-divorce remarried and first married families: Relationships with family stress and coping styles. *Journal of Divorce & Remarriage*, 14(1), 13-28.

Wall, K., Aboim, S., & Cunha, V. (2010). A vida familiar no masculino. *Negociando velhas e novas masculinidades*. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego. *Colecção Estudos*. explanatory notes The percentages above were calculated before.

Weingarten, H. R. (1985). Marital status and well-being: A national study comparing first-married, currently divorced, and remarried adults. *Journal of Marriage and the Family*, 653-662.

Whisman, M. A. (1997). Satisfaction in close relationships: Challenges for the 21st century, in R. J. Sternberg e M. Hojjat (eds.), *Satisfaction in close relationships*, Nova Iorque, The Guilford Press, pp. 385-410.

- White, L. K., & Booth, A. (1985). The quality and stability of remarriages: The role of stepchildren. *American Sociological Review*, 689-698.
- Wilcox, W. B., & Nock, S. L. (2006). What's love got to do with it? Equality, equity, commitment and women's marital quality. *Social Forces*, 84(3), 1321-1345.
- Wunderer, E., & Schneewind, K. A. (2008). The relationship between marital standards, dyadic coping and marital satisfaction. *European Journal of Social Psychology*, 38(3), 462-476.
- Zemp, M., Bodenmann, G., Backes, S., Sutter-Stickel, D., & Revenson, T. A. (2016). The Importance of Parents' Dyadic Coping for Children. *Family Relations*, 65(2), 275-286.
- Zemp, M., Merrilees, C. E., & Bodenmann, G. (2014). How Much Positivity Is Needed to Buffer the Impact of Parental Negativity on Children?. *Family Relations*, 63(5), 602-615.
- Zuo, J. (1992). The reciprocal relationship between marital interaction and marital hapiness: A three-wave study. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 870-878.

## **ANEXOS**

---

ANEXO A

---

**Consentimento Informado**

## PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

A investigação, para a qual pedimos a sua colaboração, decorre no âmbito de um projecto de investigação sobre Parentalidade e Trajectórias de Resiliência, sob orientação científica da Professora Doutora Isabel Narciso, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Este estudo tem como finalidade compreender o modo como pais e mães lidam com a vivência da parentalidade, e quais os factores que a influenciam.

A sua participação é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência para si ou para os seus filhos, podendo desistir a qualquer momento se assim o desejar. Os dados recolhidos são confidenciais, sendo posteriormente analisados de forma global e não individualizada. Todo o estudo decorrerá segundo os princípios éticos internacionais aplicados à investigação em Psicologia. Apenas os elementos da equipa da investigação terão acesso aos dados recolhidos.

A participação nesta investigação implica o preenchimento de um questionário sobre dados sociodemográficos e de outros questionários que abordam diversas temáticas relevantes para a parentalidade. Os participantes poderão ter acesso aos resultados gerais da investigação ou outros esclarecimentos acerca da mesma, solicitando informação através do seguinte endereço eletrónico: [inarciso@psicologia.ulisboa.pt](mailto:inarciso@psicologia.ulisboa.pt). Através deste contacto, os participantes poderão, também, se assim considerarem necessário, solicitar apoio psicológico no Serviço à Comunidade da FPUL.

### Consentimento Informado

Ao aceitar a sua participação neste estudo, declara ter tomado conhecimento dos objetivos da investigação e do que lhe é pedido; participa voluntariamente e concorda que os dados sejam analisados anonimamente pelos investigadores envolvidos no estudo.

Grata pela sua participação!

O participante

\_\_\_\_\_  
Data

\_\_/\_\_/\_\_

---

**Protocolo de Investigação**



**POR FAVOR, LEIA COM ATENÇÃO A SEGUINTE INSTRUÇÃO**

Nos questionários que se referem aos filhos, pense apenas nos seus filhos biológicos/adoptivos (rapazes e raparigas) que têm entre 6 a 12 anos, e responda relativamente ao filho biológico/adoptivo mais velho que estiver entre os 6 e 12 anos. Para facilitar a leitura, a palavra "filho" será usada para designar "filho" ou "filha".

É muito importante que leia atentamente e responda a todas as questões. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados. Não há repostas certas ou erradas.

**QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

Data \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**1. Sexo**

☐ Feminino ☐ Masculino

**2. Idade**

\_\_\_\_ anos

**3. Local de Residência**

**4. Escolaridade**

- ☐ 0 a 4 anos de escolaridade  
☐ 5 a 6 anos de escolaridade  
☐ 7 a 9 anos de escolaridade  
☐ 10 a 12 anos de escolaridade  
☐ Frequência universitária  
☐ Ensino Superior  
☐ Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**5. Situação Profissional**

A) Profissão: \_\_\_\_\_

B) Situação laboral atual:

- ☐ Trabalhador independente  
☐ Trabalhador por conta de outrem  
☐ Reforma  
☐ Desemprego  
☐ Outro. Qual? \_\_\_\_\_

C) Estatuto ocupacional

- ☐ Trabalho a tempo inteiro  
☐ Trabalho a tempo parcial

**6. Situação Conjugal Relacional Atual**

- |  |             |
|--|-------------|
| <input type="checkbox"/> Casado(a)                         | Desde _____ |
| <input type="checkbox"/> Coabitação conjugal (viver junto) | Desde _____ |
| <input type="checkbox"/> Divorciado(a)                     | Desde _____ |
| <input type="checkbox"/> Viúvo(a)                          | Desde _____ |
| <input type="checkbox"/> Sem relação conjugal              | Desde _____ |

**7. Situação Conjugal Relacional Passada**

**7.1. Participante**

Quantos casamentos teve anteriormente? \_\_\_\_\_  
Quantas coabitações conjugais (viver junto) teve anteriormente? \_\_\_\_\_  
Quantas relações anteriores terminaram por divórcio? \_\_\_\_\_  
Quantas relações anteriores terminaram por separação? \_\_\_\_\_

Quantas relações anteriores terminaram por viuvez? \_\_\_\_\_

7.2. **Companheiro(a) do Participante** (responda apenas se viver conjugalmente com um(a) companheiro(a))

Quantos casamentos teve anteriormente? \_\_\_\_\_

Quantas coabitações conjugais (viver junto) teve anteriormente? \_\_\_\_\_

Quantas relações anteriores terminaram por divórcio? \_\_\_\_\_

Quantas relações anteriores terminaram por separação? \_\_\_\_\_

Quantas relações anteriores terminaram por viuvez? \_\_\_\_\_

### 8. Agregado Familiar

Atualmente, habita com \_\_\_\_\_

9. Tem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico?

☐ Nunca teve

☐ Teve no passado

☐ Tem atualmente

### 10. Religiosidade

☐ Não Crente

☐ Crente

Se é Crente, com que frequência participa em práticas religiosas?

☐ Nunca

☐ Pouco Frequentemente

☐ Frequentemente

☐ Muito Frequentemente

☐ Sempre

### 11. Família de origem

Relativamente à situação conjugal dos seus pais, assinale a(s) opção/opções que considera adequadas:

☐ Nunca se divorciaram/separaram definitivamente um do outro

☐ Divorciaram-se/Separaram-se e nenhum deles voltou a coabitar conjugalmente com outra pessoa

☐ Divorciaram-se/separaram-se e a mãe voltou a coabitar conjugalmente com outra pessoa

☐ Divorciaram-se/separaram-se e o pai voltou a coabitar conjugalmente com outra pessoa

☐ Outra situação \_\_\_\_\_

### 12. Filhos

Filhos	1º Filho	2º Filho	3º Filho	4º Filho	5º Filho
Filiação	<input type="checkbox"/> Biológico <input type="checkbox"/> Adotado <input type="checkbox"/> Enteadado	<input type="checkbox"/> Biológico <input type="checkbox"/> Adotado <input type="checkbox"/> Enteadado	<input type="checkbox"/> Biológico <input type="checkbox"/> Adotado <input type="checkbox"/> Enteadado	<input type="checkbox"/> Biológico <input type="checkbox"/> Adotado <input type="checkbox"/> Enteadado	<input type="checkbox"/> Biológico <input type="checkbox"/> Adotado <input type="checkbox"/> Enteadado
São filhos do(a) atual companheiro(a)?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica
Habitam com...	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M
Sexo	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M
Idade	_____	_____	_____	_____	_____
Escolaridade	_____	_____	_____	_____	_____
Quantos dias por mês vivem consigo?	_____	_____	_____	_____	_____
Apoios	<input type="checkbox"/> Escolar <input type="checkbox"/> Psicológico <input type="checkbox"/> Pedopsiquiátrico <input type="checkbox"/> Terapia da fala <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____	<input type="checkbox"/> Escolar <input type="checkbox"/> Psicológico <input type="checkbox"/> Pedopsiquiátrico <input type="checkbox"/> Terapia da fala <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____	<input type="checkbox"/> Escolar <input type="checkbox"/> Psicológico <input type="checkbox"/> Pedopsiquiátrico <input type="checkbox"/> Terapia da fala <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____	<input type="checkbox"/> Escolar <input type="checkbox"/> Psicológico <input type="checkbox"/> Pedopsiquiátrico <input type="checkbox"/> Terapia da fala <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____	<input type="checkbox"/> Escolar <input type="checkbox"/> Psicológico <input type="checkbox"/> Pedopsiquiátrico <input type="checkbox"/> Terapia da fala <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____

### 13. Situação Financeira

a) Qual é, aproximadamente, o rendimento mensal líquido da sua família?

(após o desconto da segurança social e outros impostos)

\_\_\_\_\_ euros por mês

**NOTA IMPORTANTE:** Para além do salário relativo à sua profissão (e do salário relativo à profissão do seu cônjuge, caso seja casado ou viva em união de facto), considere também, caso existam, subsídios de desemprego ou por incapacidade, pensão de alimentos, dinheiro que receba de familiares ou amigos, lucros de ações ou de outros investimentos, rendas de propriedades, etc.

**b) Principal Fonte de Rendimento da Família**

- ☐ Riqueza herdada ou adquirida  
☐ Lucros de empresas, investimentos, ordenados bem remunerados  
☐ Vencimento mensal fixo  
☐ Remuneração por semana, dia, ou por tarefa  
☐ Apoio social público (do estado) ou privado (de instituições de solidariedade)  
☐ Apoio de familiares/amigos

Outra fonte ☐

c) Por favor responda às seguintes questões de acordo com a escala que se segue:

Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5
1. Temos dinheiro suficiente para ter uma casa adequada à nossa família.				1 2 3 4 5
2. Temos dinheiro suficiente para comprar a roupa que precisamos.				1 2 3 4 5
3. Temos dinheiro suficiente para comprar os produtos ou bens necessários para a casa.				1 2 3 4 5
4. Temos dinheiro suficiente para ter o carro que precisamos.				1 2 3 4 5
5. Temos dinheiro suficiente para comprar a comida que precisamos.				1 2 3 4 5
6. Temos dinheiro suficiente para os cuidados de saúde que precisamos.				1 2 3 4 5
7. Temos dinheiro suficiente para atividades de lazer.				1 2 3 4 5

d) Em que medida a sua família tem dificuldade em pagar as contas mensais?

- ☐ Não temos dificuldade nenhuma.  
☐ Temos poucas dificuldades.  
☐ Temos algumas dificuldades.  
☐ Temos muitas dificuldades.  
☐ Temos mesmo muitas dificuldades.

e) Em que medida concorda ou discorda com as seguintes afirmações?

Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5
1. Tenho problemas em dormir devido aos meus problemas financeiros.				1 2 3 4 5
2. Sinto-me preocupado(a) porque não consigo pagar cuidados médicos adequados.				1 2 3 4 5
3. Sinto-me muitas vezes preocupado(a) devido à minha má situação financeira.				1 2 3 4 5
4. A minha situação financeira é muito pior este ano do que era nos 12 meses anteriores.				1 2 3 4 5
5. Não sei como serei capaz de me sustentar nos próximos 12 meses.				1 2 3 4 5

**SCORE-15** (Stratton et al., 2010; versão portuguesa: Vilaça, Silva, & Relvas, 2014)

Solicitamos que nos descreva a forma como vê a sua família neste momento. Quando dizemos "a sua família", referimo-nos às pessoas que vivem em sua casa. Como diria que cada afirmação **descreve a sua família**?

Descreve-nos Muito bem	Descreve-nos Bem	Descreve-nos Em parte	Descreve-nos Mal	Descreve-nos Muito mal
1	2	3	4	5
1. Na minha família, falamos uns com os outros sobre coisas que têm interesse para nós.				1 2 3 4 5
2. Na minha família muitas vezes não se diz a verdade uns aos outros.				1 2 3 4 5
3. Todos nós somos ouvidos na nossa família.				1 2 3 4 5
4. Sinto que é arriscado discordar na nossa família.				1 2 3 4 5
5. Sentimos que é difícil enfrentar os problemas do dia-a-dia.				1 2 3 4 5
6. Confiamos uns nos outros.				1 2 3 4 5
7. Sentimo-nos muito infelizes na nossa família.				1 2 3 4 5



8. Na minha família, quando as pessoas se zangam, ignoram-se intencionalmente.	1	2	3	4	5
9. Na minha família parece que surgem crises umas atrás das outras.	1	2	3	4	5
10. Quando um de nós está aborrecido/perturbado é apoiado pela família.	1	2	3	4	5
11. As coisas parecem correr sempre mal para a minha família.	1	2	3	4	5
12. As pessoas da minha família são desagradáveis umas com as outras.	1	2	3	4	5
13. Na minha família as pessoas interferem demasiado na vida umas das outras.	1	2	3	4	5
14. Na minha família culpamo-nos uns aos outros quando as coisas correm mal.	1	2	3	4	5
15. Somos bons a encontrar novas formas de lidar com as dificuldades.	1	2	3	4	5

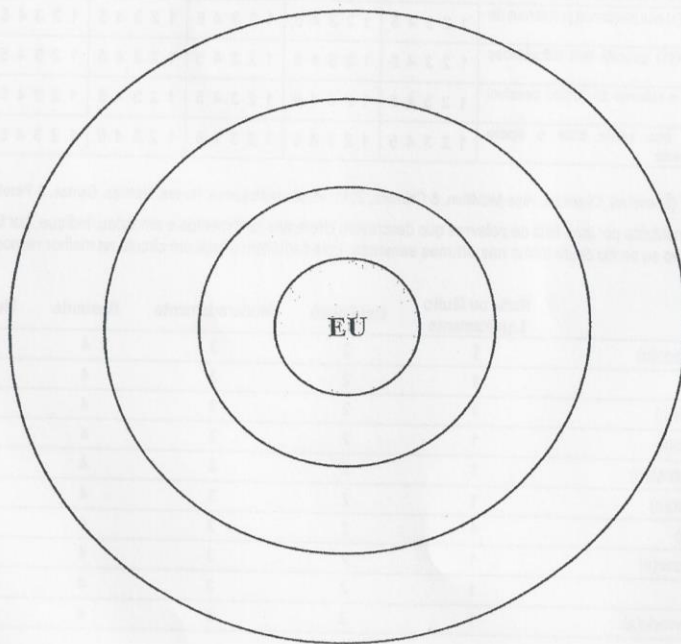
Descreve-nos Muito bem	Descreve-nos Bem	Descreve-nos Em parte	Descreve-nos Mal	Descreve-nos Muito mal
1	2	3	4	5

CMD (Kahn, & Antonucci, 1980; versão adaptada: Gameiro, Moura-Ramos, & Canavarro, 2006)

Ser-lhe-ão colocadas algumas questões referentes à sua rede de relações sociais no momento presente. O círculo central, mais pequeno e marcado "eu", **representa-o a si**. Nos outros círculos, à sua volta, coloque por favor as pessoas que, na sua vida, considera mais próximas, em termos do apoio (afetivo, familiar, profissional, etc.) que delas recebe e que lhes presta. Faça-o da seguinte forma:

- Coloque no círculo mais próximo do que o representa a si as **pessoas que lhe são tão próximas que lhe é difícil imaginar a vida sem elas**;
- Coloque no círculo seguinte as **pessoas que, embora não tão próximas, são também muito importantes**;
- Coloque no círculo mais afastado de si **pessoas que são suficientemente próximas e importantes na sua vida, pelo que ainda devem ser incluídas**.

Não necessita de indicar nomes; coloque o tipo de relacionamento que mantém com a pessoa que quer incluir, e a ordem por que se lembrou dela (i.e., 1-mulher, 2-filha, 3-amigo de infância, (...), 6-colega, 7-patrão, e assim sucessivamente). Indique **todas as pessoas**, isto é, não coloque "amigos" - coloque a palavra "amigo" tantas vezes quantas os amigos que quiser incluir. Não há limite para o número de pessoas a colocar, tal como não há referências certas ou erradas. Existem apenas as suas respostas.



Nas colunas, identifique as pessoas que colocou no primeiro e no segundo círculo. Por baixo, coloque um círculo à volta do número que melhor corresponde ao apoio que recebe dessa pessoa (0 = mínimo; 5 = máximo).

1º Círculo						
Confia e sente-se seguro(a) com esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Pode falar/desabafar com esta pessoa quando está perturbado(a), nervoso(a) ou deprimido(a)?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Pode pedir conselhos a esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) nas tarefas domésticas?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) a cuidar dos filhos?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) nos pequenos problemas do dia-a-dia?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) quando tem dificuldades financeiras?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Gostaria de passar o máximo de tempo possível com esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Satisfação global que sente com o apoio recebido desta pessoa	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

2º Círculo						
Confia e sente-se seguro(a) com esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Pode falar/desabafar com esta pessoa quando está perturbado(a), nervoso(a) ou deprimido(a)?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Pode pedir conselhos a esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) nas tarefas domésticas?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) a cuidar dos filhos?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) nos pequenos problemas do dia-a-dia?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) quando tem dificuldades financeiras?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Gostaria de passar o máximo de tempo possível com esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Satisfação global que sente com o apoio recebido desta pessoa	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

PANAS-C-P (Ebesutani, Okamura, Higa-McMillan, & Chorpita, 2011; versão portuguesa: Nunes, Narciso, Santos, & Pereira, *in press*)

Esta escala é constituída por uma lista de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Indique, por favor, em que medida o seu filho se sentiu desta forma nas últimas semanas. Leia cada item e faça um círculo na melhor resposta para essa palavra.

	Nada ou Muito Ligeiramente	Um Pouco	Moderadamente	Bastante	Muitíssimo
1. Perturbado(a)	1	2	3	4	5
2. Feliz	1	2	3	4	5
3. Nervoso(a)	1	2	3	4	5
4. Culpado(a)	1	2	3	4	5
5. Desgostoso(a)	1	2	3	4	5
6. Animado(a)	1	2	3	4	5
7. Ativo(a)	1	2	3	4	5
8. Orgulhoso(a)	1	2	3	4	5
9. Alegre	1	2	3	4	5
10. Desanimado(a)	1	2	3	4	5

(SDQ-Por) (Goodman, 1997; versão portuguesa: Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2004)

Encontra, de seguida, 25 frases. Para cada uma delas marque, com uma **cruz**, um dos seguintes quadrados: não é verdade; é um pouco verdade; é muito verdade. Ajuda-nos muito se responder a todas as afirmações o melhor que puder, mesmo que não tenha a certeza absoluta ou que a afirmação lhe pareça estranha. Por favor, responda com base no comportamento do seu filho, nos últimos seis meses.

	Não é verdade	É um pouco verdade	É muito verdade
1. É sensível aos sentimentos dos outros.			
2. É irrequieto(a), muito mexido(a), nunca pára quieto(a).			
3. Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vômitos.			
4. Partilha facilmente com as outras crianças (doces, brinquedos, lápis, etc).			
5. Enerva-se muito facilmente e faz muitas birras.			
6. Tem tendência a isolar-se, gosta mais de brincar sozinho(a).			
7. Obedece com facilidade, faz habitualmente o que os adultos lhe mandam.			
8. Tem muitas preocupações, parece sempre preocupado(a).			
9. Gosta de ajudar se alguém está magoado, aborrecido ou doente.			
10. Não sossega. Está sempre a mexer as pernas ou as mãos.			
11. Tem pelo menos um bom amigo/uma boa amiga.			
12. Luta frequentemente com as outras crianças, ameaça-as ou intimida-as.			
13. Anda muitas vezes triste, desanimado(a) ou choroso(a).			
14. Em geral as outras crianças gostam dele(a).			
15. Distrai-se com facilidade, está sempre com a cabeça no ar.			
16. Em situações novas é receoso(a), muito agarrado(a) e pouco seguro(a).			
17. É simpático(a) e amável com crianças mais pequenas.			
18. Mentira frequentemente ou engana.			
19. As outras crianças metem-se com ele(a), ameaçam-no(a) ou intimidam-no(a).			
20. Sempre pronto(a) a ajudar os outros (pais, professores ou outras crianças).			
21. Pensa nas coisas antes de as fazer.			
22. Rouba em casa, na escola ou em outros sítios.			
23. Dá-se melhor com adultos do que com outras crianças.			
25. Tem muitos medos, assusta-se com facilidade.			
25. Geralmente acaba o que começa, tem uma boa atenção.			

EAHP (Narciso & Santos, 2013)

Apresenta-se a seguir um conjunto de questões que remetem para a relação com o seu filho. Centre-se, por favor, na forma como habitualmente se comporta face ao seu filho. Leia com muita atenção cada questão, e responda a cada uma delas com base nas quatro alternativas possíveis, fazendo uma cruz naquela que melhor se aplica ao seu caso. Por favor, responda a todas as questões.

	Nunca	Raramente	Às Vezes	Muitas Vezes
1. É carinhoso(a) com o seu filho?				
2. Castiga o seu filho severamente, mesmo no caso de pequenas asneiras?				
3. Tenta acalmar o seu filho quando ele está agitado/inquieto/irritado?				
4. Percebe quando o seu filho precisa de apoio/consolo?				
5. Deixa de falar com o seu filho, quando está zangado(a), ou para o castigar?				
6. Grita com o seu filho?				
7. Mostra ao seu filho que o valoriza?				



		Nunca	Raramente	Às Vezes	Muitas Vezes
8	Ignora o seu filho só para o irritar?				
9	Ajuda/apoia/consola o seu filho quando ele precisa?				
10	Quando está zangado(a) com o seu filho, ameaça-o que se vai embora?				
11	Tenta explicar ao seu filho as razões de um castigo/ralhele?				
12	Castiga o seu filho fisicamente (bater, puxar orelhas, etc.)?				
13	Castiga o seu filho severamente, quando ele se comporta inadequadamente?				
14	Brinca com o seu filho?				
15	Bate no seu filho em público?				
16	Quando está satisfeito com o seu filho, mostra-lhe a sua satisfação?				
17	Retira todos os privilégios (ver TV, brincar, jogar, etc.) ao seu filho, quando ele se comporta inadequadamente?				
18	Goza com o seu filho quando ele precisa de apoio/consolo?				
19	Gosta do seu filho tal como ele é?				
20	Quando está zangado(a) com o seu filho, diz-lhe que não gosta dele?				
21	Tenta explicar ao seu filho como se deve comportar?				
22	É brusco(a) com o seu filho, quando ele precisa de apoio/consolo?				
23	Ralha com o seu filho em público?				
24	Ignora o seu filho quando ele precisa de apoio/consolo?				
25	Goza com o seu filho só para o irritar?				
26	Diz ao seu filho que gosta dele?				

PCS (Snarr, Sleep, & Grande, 2009; adaptação portuguesa: Fernandes, Pedro, & Narciso, 2015)

Há sempre uma altura em que os filhos se portam mal ou fazem coisas que podem ser perigosas, que estão erradas, ou que os pais não gostam. Por exemplo: bater em alguém, choramingar, não arrumar o quarto, não fazer os trabalhos de casa, mentir, não querer ir para a cama, contradizer o que os pais dizem, tirar coisas que não lhes pertencem, ter um ataque de fúria, dizer asneiras, chegar a casa tarde, correr para a estrada. Os pais têm muitas maneiras diferentes de pensar sobre estes problemas, e podem pensar de forma diferente em função das características específicas dos seus filhos. Por favor, assinale em que medida concorda que as seguintes razões para o mau comportamento das crianças são, em geral, verdadeiras, para o seu filho e para o comportamento dele, nos últimos dois meses.

Sempre Verdade	Frequentemente Verdade	Por Vezes, Verdade	Ocasionalmente Verdade	Raramente Verdade	Nunca Verdade
1	2	3	4	5	6

1. Não fui tão firme como costumo ser.	1	2	3	4	5	6
2. O meu filho não me ouve.	1	2	3	4	5	6
3. Não sou suficientemente organizado(a) com o meu filho.	1	2	3	4	5	6
4. O meu filho não consegue perceber as regras.	1	2	3	4	5	6
5. O meu filho pensa que é ele que manda.	1	2	3	4	5	6
6. Não sei como lidar com o meu filho.	1	2	3	4	5	6
7. Não dou atenção suficiente ao meu filho.	1	2	3	4	5	6
8. O meu filho é teimoso.	1	2	3	4	5	6
9. É difícil, para mim, impor limites.	1	2	3	4	5	6
10. O meu filho está a atravessar uma fase.	1	2	3	4	5	6
11. O meu filho só faz o que quer e quando quer.	1	2	3	4	5	6
12. Estava cansado(a), nessa altura.	1	2	3	4	5	6
13. Sou pouco confiante a lidar com o meu filho.	1	2	3	4	5	6
14. O meu filho faz de propósito para me deixar zangado(a).	1	2	3	4	5	6
15. O meu filho sente que não há tempo para ele.	1	2	3	4	5	6

Sempre Verdade	Frequentemente Verdade	Por Vezes, Verdade	Ocasionalmente Verdade	Raramente Verdade	Nunca Verdade
1	2	3	4	5	6

16. Não sou paciente.	1	2	3	4	5	6
17. O meu filho tenta tirar-me do sério ou provocar-me.	1	2	3	4	5	6
18. O meu filho quer tudo à maneira dele.	1	2	3	4	5	6
19. É difícil, para o meu filho, fazer o que eu quero.	1	2	3	4	5	6
20. Não consigo controlar o meu filho.	1	2	3	4	5	6
21. Não consigo ser suficientemente rápido(a) a reagir nessa altura.	1	2	3	4	5	6
22. Não sou capaz de ser claro(a).	1	2	3	4	5	6
23. O meu filho é muito exigente.	1	2	3	4	5	6
24. Lidei com as coisas de forma pouco habitual.	1	2	3	4	5	6
25. O meu filho gosta de testar os meus limites.	1	2	3	4	5	6
26. Estava ocupado(a) com outras coisas nessa altura.	1	2	3	4	5	6
27. Não faço as coisas como deve ser.	1	2	3	4	5	6
28. O meu filho cansa-se facilmente.	1	2	3	4	5	6
29. É difícil, para mim, ouvir realmente o meu filho.	1	2	3	4	5	6
30. O meu filho recusa-se a fazer o que eu acho que ele devia fazer.	1	2	3	4	5	6

CCNES (Fabes, Eisenber, & Bernzweig, 1990; versão portuguesa: Alves & Cruz, 2011)

Ao longo de doze situações, pedimos que indique numa escala de 1 (*Nada provável*) a 7 (*Muito provável*) a probabilidade de responder de forma semelhante ao que é descrito em cada uma das alíneas apresentadas. Por favor, coloque em cada alínea (a - f) um círculo à volta do número (1 - 7) que melhor traduz a probabilidade de responder ou agir como o descrito.

Nada Provável			Médio			Muito Provável
1	2	3	4	5	6	7

1. Se o meu filho se zanga porque está doente ou se magoou e não pode ir a uma festa de anos, eu:	1	2	3	4	5	6	7
a) Mando-o ir para o quarto para se acalmar.	1	2	3	4	5	6	7
b) Zango-me com ele.	1	2	3	4	5	6	7
c) Ajudo-o a pensar numa forma de ainda estar com os amigos (ex. convidar alguns amigos para irem lá para casa).	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe para não dar tanta importância ao assunto.	1	2	3	4	5	6	7
e) Encorajo-o a expressar os seus sentimentos de zanga e frustração.	1	2	3	4	5	6	7
f) Acalmo-o, faço alguma coisa divertida para que se sinta melhor.	1	2	3	4	5	6	7
2. Se o meu filho cai de bicicleta e a estraga, e depois fica chateado, eu:	1	2	3	4	5	6	7
a) Consigo manter-me calmo(a).	1	2	3	4	5	6	7
b) Conforto-o e tento que esqueça o acidente.	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe que está a reagir de forma exagerada.	1	2	3	4	5	6	7
d) Ajudo-o a pensar como é que pode arranjar a bicicleta.	1	2	3	4	5	6	7
e) Digo-lhe que não tem mal chorar.	1	2	3	4	5	6	7
f) Digo-lhe para parar de chorar ou fica sem andar de bicicleta nos próximos tempos.	1	2	3	4	5	6	7
3. Se o meu filho perde uma coisa de que gosta muito e reage a chorar, eu:	1	2	3	4	5	6	7
a) Digo-lhe que está a reagir de forma exagerada.	1	2	3	4	5	6	7
b) Aborreço-me com ele por ser tão descuidado e depois digo-lhe que não é preciso chorar por causa disso.	1	2	3	4	5	6	7
c) Ajudo-o a pensar em sítios onde ainda não procurou.	1	2	3	4	5	6	7
d) Distraio-o, falando de coisas alegres.	1	2	3	4	5	6	7
e) Digo-lhe que não tem mal chorar quando nos sentimos tristes.	1	2	3	4	5	6	7
f) Digo-lhe que é isso que acontece quando não se tem cuidado.	1	2	3	4	5	6	7



<b>4. Se o meu filho tem medo de injeções e fica trémulo e a chorar antes de apanhar uma, eu:</b>							
a) Digo-lhe para se comportar bem, que depois o deixo fazer algo que ele gosta muito de fazer (ex. ver televisão).	1	2	3	4	5	6	7
b) Encorajo-o a falar dos seus medos.	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe para não dar muita importância à injeção.	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe para ele não chorar pois vai-nos embaraçar.	1	2	3	4	5	6	7
e) Conforto-o antes e depois de tomar a injeção.	1	2	3	4	5	6	7
f) Ajudo-o pensar em formas de diminuir a dor (por exemplo, respirar fundo).	1	2	3	4	5	6	7
<b>5. Se o meu filho vai passar a tarde a casa de um amigo e aí, começa a ficar nervoso e preocupado porque eu não posso ficar com ele, eu:</b>							
a) Distraio-o, falando de como se vai divertir com o amigo.	1	2	3	4	5	6	7
b) Ajudo-o a pensar em coisas que pode fazer para que não sinta medo na minha ausência (ex. levar um livro ou um brinquedo).	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe que não vale a pena reagir assim e que está a portar-se como um bebé.	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe que se não pára de se portar assim, nunca mais vai a lado nenhum.	1	2	3	4	5	6	7
e) Sinto-me desconfortável e aborrecida por causa das reacções dele.	1	2	3	4	5	6	7
f) Encorajo-o a falar acerca do facto de se sentir nervoso.	1	2	3	4	5	6	7
<b>6. Se o meu filho está a participar numa actividade de grupo com os amigos, comete um erro e fica embaraçado, quase a chorar, eu:</b>							
a) Consolo-o e tento que se sinta melhor.	1	2	3	4	5	6	7
b) Digo-lhe que ele está a exagerar.	1	2	3	4	5	6	7
c) Sinto-me desconfortável e envergonhado(a).	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe para se recompor ou vamos para casa imediatamente.	1	2	3	4	5	6	7
e) Encorajo-o a falar acerca do facto de se sentir embaraçado.	1	2	3	4	5	6	7
f) Digo-lhe que eu vou ajudá-lo a praticar para que da próxima vez corra melhor.	1	2	3	4	5	6	7
<b>7. Se o meu filho vai participar numa festa ou numa prova desportiva e fica visivelmente nervoso pelo facto das pessoas olharem para ele, eu:</b>							
a) Ajudo-o a pensar em coisas que pode fazer para se preparar (ex. fazer o aquecimento e não olhar para o público).	1	2	3	4	5	6	7
b) Sugiro-lhe que pense nalguma coisa relaxante para se acalmar.	1	2	3	4	5	6	7
c) Consigo manter-me calma.	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe que se está a portar como um bebé.	1	2	3	4	5	6	7
e) Digo-lhe para se acalmar de imediato ou vamos directos para casa.	1	2	3	4	5	6	7
f) Encorajo-o a falar acerca do facto de se sentir nervoso.	1	2	3	4	5	6	7
<b>8. Se o meu filho abre, na presença do amigo, um presente de aniversário que este lhe ofereceu, e não gosta, ficando visivelmente desiludido e mesmo aborrecido, eu:</b>							
a) Incentivo-o a expressar os seus sentimentos de decepção.	1	2	3	4	5	6	7
b) Digo-lhe que pode trocar o presente por algo que ele queira.	1	2	3	4	5	6	7
c) Fico chateado(a) com o meu filho por estar a ser rude.	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe que está a exagerar.	1	2	3	4	5	6	7
e) Ralho-lhe porque não está ser sensível aos sentimentos do amigo.	1	2	3	4	5	6	7
f) Faço algo divertido para que sinta melhor.	1	2	3	4	5	6	7
<b>9. Se o meu filho está muito assustado e não consegue ir dormir depois de ter visto um filme de terror, eu:</b>							
a) Encorajo-o a falar do que o assustou.	1	2	3	4	5	6	7
b) Fico aborrecido(a) com ele por se comportar de uma forma tonta.	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe que está a reagir de forma exagerada.	1	2	3	4	5	6	7
d) Ajudo-o a pensar numa coisa que pode fazer para o ajudar a adormecer (ex. levar um boneco para a cama, deixar as luzes acesas).	1	2	3	4	5	6	7
e) Digo-lhe para ir para a cama e que não o deixo ver mais televisão.	1	2	3	4	5	6	7
f) Faço alguma coisa divertida para o ajudar a esquecer o que o assustou.	1	2	3	4	5	6	7
<b>10. Se o meu filho está no parque e aparece quase a chorar porque as outras crianças não o deixam brincar, eu:</b>							
a) Digo-lhe para não me aborrecer.	1	2	3	4	5	6	7

b) Digo-lhe que se começar a chorar teremos de ir para casa imediatamente.	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe que não tem mal chorar quando nos sentimos mal.	1	2	3	4	5	6	7
d) Conforto-o e tento ajudá-lo a pensar em algo feliz.	1	2	3	4	5	6	7
e) Ajudo-o a pensar numa outra coisa para fazer.	1	2	3	4	5	6	7
f) Digo-lhe que se vai sentir melhor em breve.	1	2	3	4	5	6	7
<b>11. Se o meu filho está a brincar com outras crianças, uma delas lhe chama nomes e ele começa a ficar trémulo e a chorar, eu:</b>							
a) Digo-lhe para não dar muita importância.	1	2	3	4	5	6	7
b) Fico eu aborrecido(a).	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe para se portar bem ou vamos diretos para casa.	1	2	3	4	5	6	7
d) Ajudo-o a pensar no que pode fazer quando os outros implicam com ele (ex. procurar outras coisas para fazer).	1	2	3	4	5	6	7
e) Conforto-o e faço com ele um jogo para que ele se esqueça do que o aborreceu.	1	2	3	4	5	6	7
f) Encorajo-o a falar de como magoa ser gozado.	1	2	3	4	5	6	7
<b>12. Se o meu filho é tímido e fica amedrontado, chora e quer ficar no quarto sempre que recebemos visitas em casa, eu:</b>							
a) Ajudo-o a pensar no que pode fazer para que não seja tão assustador estar com visitas (ex. pegar no brinquedo favorito).	1	2	3	4	5	6	7
b) Digo-lhe que não tem mal sentir-se nervoso.	1	2	3	4	5	6	7
c) Tento que se distraia, falando das coisas divertidas que pode fazer com as visitas.	1	2	3	4	5	6	7
d) Sinto-me desconfortável e aborrecido(a) por causa da reação dele.	1	2	3	4	5	6	7
e) Digo-lhe que tem de ficar na sala e estar com as visitas.	1	2	3	4	5	6	7
f) Digo-lhe que se está a portar como um bebé.	1	2	3	4	5	6	7

QDEP (Robinson, Mandelco, Olsen & Hart, 2001; versão portuguesa: Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2007)

As seguintes afirmações pretendem perceber com que frequência e de que modo atua com o seu filho. Depois de escolher a sua resposta, assinala-a com um círculo.

	Nunca	Algumas vezes	Metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Sou sensível às necessidades e sentimentos do meu filho.	1	2	3	4	5
2. Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar.	1	2	3	4	5
3. Tenho em conta os desejos do meu filho, antes de lhe pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
4. Quando o meu filho pergunta por que tem de obedecer, digo-lhe: "porque eu disse" ou "porque sou tua mãe e quero que o faças".	1	2	3	4	5
5. Explico ao meu filho como me sinto quando ele se comporta bem e quando se comporta mal.	1	2	3	4	5
6. Bato ao meu filho quando ele é desobediente.	1	2	3	4	5
7. Encorajo o meu filho a falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
8. Acho difícil disciplinar o meu filho.	1	2	3	4	5
9. Encorajo o meu filho a expressar-se livremente mesmo quando ele não concorda comigo.	1	2	3	4	5
10. Castigo o meu filho retirando-lhe privilégios, com poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
11. Realço os motivos das regras.	1	2	3	4	5
12. Conforto e sou compreensivo(a) quando o meu filho está "em baixo".	1	2	3	4	5
13. Quando o meu filho se comporta mal, falo alto ou grito.	1	2	3	4	5
14. Elogio o meu filho quando ele se comporta bem.	1	2	3	4	5
15. Eu cedo quando o meu filho faz birra.	1	2	3	4	5
16. Tenho explosões de raiva com o meu filho.	1	2	3	4	5
17. Ameaço o meu filho com castigos, mais vezes do que o castigo efetivamente.	1	2	3	4	5
18. Tenho em conta as preferências do meu filho quando se fazem planos para a família.	1	2	3	4	5
19. Agarro o meu filho com força quando ele desobedece.	1	2	3	4	5
20. Digo ao meu filho que o castigo e depois não cumprio.	1	2	3	4	5
21. Mostro respeito pelas opiniões do meu filho, encorajando-o a expressá-las.	1	2	3	4	5
22. Permitto que o meu filho dê a sua opinião sobre as regras familiares.	1	2	3	4	5
23. Repreendo e critico o meu filho para o bem dele.	1	2	3	4	5
24. Estrago o meu filho com mimos.	1	2	3	4	5



25. Explico ao meu filho os motivos porque deve cumprir as regras. 1 2 3 4 5
26. Uso ameaças como castigos, dando poucas ou nenhuma explicação. 1 2 3 4 5
27. Tenho momentos de grande afetividade e carinho com o meu filho. 1 2 3 4 5
28. Castigo o meu filho, deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações. 1 2 3 4 5
29. Ajudo o meu filho a compreender o impacto do seu comportamento, encorajando-o a falar sobre as consequências das suas ações. 1 2 3 4 5
30. Repreendo ou critico o meu filho quando ele não se comporta como nós esperamos. 1 2 3 4 5
31. Explico as consequências do comportamento do meu filho. 1 2 3 4 5
32. Dou uma bofetada ao meu filho quando ele se comporta mal. 1 2 3 4 5

EHP (O'Leary & Porter, 1980; versão portuguesa: Pedro & Francisco, 2014)

Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Muito frequentemente
1	2	3	4	5

1. Nesta época de dificuldades financeiras, é difícil restringir as discussões sobre dinheiro a alturas e locais específicos. Com que frequência diria que você e o(a) pai/mãe do seu filho discutem sobre assuntos relacionados com dinheiro em frente deste filho?	1 2 3 4 5
2. Muitas vezes os filhos vão ter com um dos pais para pedirem dinheiro ou autorização para fazerem alguma coisa, depois do outro pai lhes ter dito que não. Com que frequência diria que este filho tem este tipo de comportamento consigo ou com o(a) pai/mãe com sucesso?	1 2 3 4 5
3. Maridos e mulheres discutem frequentemente sobre como educar os filhos. Com que frequência você e o(a) pai/mãe do seu filho discutem sobre a educação dos filhos à frente deste filho?	1 2 3 4 5
4. Com que frequência este filho vos ouviu a discutir [a si e ao(a) pai/mãe] acerca do papel da mulher na família (tarefas domésticas, mães trabalhadoras, etc)?	1 2 3 4 5
5. Com que frequência é que o(a) pai/mãe do seu filho reclama consigo acerca do seu "vício pessoal" (beber, estar a reclamar, ser desarrumado, etc.) em frente a este filho?	1 2 3 4 5
6. Com que frequência é que reclama com o(a) pai/mãe do seu filho acerca dos "vícios pessoais" dele/dela em frente a este filho?	1 2 3 4 5
7. Com que frequência as discussões com o(a) pai/mãe do seu filho acontecem em frente a este filho?	1 2 3 4 5
8. Em diferentes níveis, todos experienciamos impulsos quase irresistíveis em alturas de grande stress. Com que frequência há expressão física de hostilidade entre si e o(a) pai/mãe do seu filho em frente a este filho?	1 2 3 4 5
9. Com que frequência você e o(a) pai/mãe do seu filho mostram hostilidade verbal em frente a este filho?	1 2 3 4 5
10. Com que frequência você e o(a) pai/mãe do seu filho mostram afecto um para com o outro em frente a este filho?	1 2 3 4 5

IRI (Davis, 1983; versão portuguesa: Limpo, Alves, & Castro, 2010)

Não me descreve bem				Descreve-me muito bem
1	2	3	4	5

1. Tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu.	1 2 3 4 5
2. De vez em quando tenho dificuldade em ver as coisas do ponto de vista dos outros.	1 2 3 4 5
3. Às vezes, não sinto muita pena quando as outras pessoas estão a ter problemas.	1 2 3 4 5
4. Facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance.	1 2 3 4 5
5. Em situações de emergência, sinto-me desconfortável e apreensivo(a).	1 2 3 4 5

6. Habitualmente mantenho a objetividade ao ver um filme ou um teatro e não me deixo envolver por completo.	1	2	3	4	5
7. Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão.	1	2	3	4	5
8. Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger.	1	2	3	4	5
9. Por vezes tento compreender melhor os meus amigos imaginando a sua perspectiva de ver as coisas.	1	2	3	4	5
10. É raro ficar completamente envolvido(a) num bom livro ou filme.	1	2	3	4	5
11. Quando vejo alguém ficar ferido, tento a permanecer calmo(a).	1	2	3	4	5
12. As desgraças dos outros não me costumam perturbar muito.	1	2	3	4	5
13. Depois de ver um filme ou um teatro, sinto-me como se tivesse sido uma das personagens.	1	2	3	4	5
14. Estar numa situação emocional tensa assusta-me.	1	2	3	4	5
15. Geralmente sou muito eficaz a lidar com emergências.	1	2	3	4	5
16. Fico muitas vezes emocionado(a) com coisas que vejo acontecer.	1	2	3	4	5
17. Acredito que uma questão tem sempre dois lados e tento olhar para ambos.	1	2	3	4	5
18. Descrever-me-ia como uma pessoa de coração mole.	1	2	3	4	5
19. Quando vejo um bom filme, consigo facilmente pôr-me no lugar do protagonista.	1	2	3	4	5
20. Tendo a perder o controlo em situações de emergência.	1	2	3	4	5
21. Quando estou aborrecido(a) com alguém, geralmente tento pôr-me no seu lugar por um momento.	1	2	3	4	5
22. Quando estou a ler uma história ou um romance interessante, imagino como me sentiria se aqueles acontecimentos se tivessem passado comigo.	1	2	3	4	5
23. Quando vejo alguém numa emergência a precisar muito de ajuda, fico completamente perdido(a).	1	2	3	4	5
24. Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar.	1	2	3	4	5

Não me descreve bem				Descreve-me muito bem
1	2	3	4	5

BSI (Derogatis, 1993; versão portuguesa: Canavarro, 1995)

A seguir encontra-se uma lista de problemas ou sintomas que por vezes as pessoas apresentam. Assinale, num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve o grau em que cada problema o incomodou durante a última semana. Para cada problema ou sintoma marque apenas um espaço com uma cruz. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:

1. Nervosismo ou tensão interior.
2. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente.
3. Pensamentos de acabar com a vida.
4. Ter um medo súbito sem razão para isso.
5. Ter impulsos que não se podem controlar.
6. Sentir-se sozinho.
7. Sentir-se triste.
8. Não ter interesse por nada.
9. Sentir-se atemorizado.
10. Sentir-se sem esperança perante o futuro.
11. Sentir-se em estado de tensão ou aflição.
12. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém.
13. Ter vontade de destruir ou partir coisas.
14. Ter ataques de terror ou pânico.
15. Entrar facilmente em discussão.
16. Sentir-se tão desassossegado que não consegue manter-se sentado quieto.
17. Sentir que não tem valor.

Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Multíssimas vezes
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5



**Se, atualmente, não está em relação conjugal (por casamento ou coabitação), a sua participação terminou. Leia, por favor, a última página, e preencha as informações solicitadas. Muito obrigada pela sua colaboração!**

**Se, atualmente, está em relação conjugal (por casamento ou coabitação), continue, por favor, a responder às questões.**

**ESCK** (Schumm et al., 1986; versão portuguesa: Antunes, Francisco, Pedro, Ribeiro & Santos, 2014)  
Por favor avalie o grau de **satisfação com a relação de casal** que tem atualmente com o(a) seu/sua companheiro(a):

Extremamente insatisfeito(a)	Muito insatisfeito(a)	Moderadamente insatisfeito(a)	Nem insatisfeito(a) nem satisfeito(a)	Moderadamente satisfeito(a)	Muito satisfeito(a)	Extremamente satisfeito(a)
1	2	3	4	5	6	7

1. Em que medida está satisfeito(a) com a sua relação de casal?	1	2	3	4	5	6	7
2. Em que medida está satisfeito(a) com o(a) seu/sua companheiro(a) enquanto cônjuge?	1	2	3	4	5	6	7
3. Em que medida está satisfeito(a) com a relação que tem com o(a) seu/sua companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7

**EHP** (O'Leary & Porter, 1980; adaptação da versão portuguesa: Pedro & Francisco, 2014)

Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Muito frequentemente
1	2	3	4	5

1. Nesta época de dificuldades financeiras, é difícil restringir as discussões sobre dinheiro a alturas e locais específicos. Com que frequência diria que você e o(a) seu/sua companheiro(a) discutem sobre assuntos relacionados com dinheiro em frente deste filho?	1	2	3	4	5
2. Muitas vezes os filhos vão ter com um dos pais para pedirem dinheiro ou autorização para fazerem alguma coisa, depois do outro pai lhes ter dito que não. Com que frequência diria que este filho tem este tipo de comportamento consigo ou com o(a) seu/sua companheiro(a) com sucesso?	1	2	3	4	5
3. Maridos e mulheres discutem frequentemente sobre como educar os filhos. Com que frequência você e o(a) seu/sua companheiro(a) discutem sobre a educação dos filhos à frente deste filho?	1	2	3	4	5
4. Com que frequência este filho vos ouviu a discutir [a si e ao(a) seu/sua companheiro(a)] acerca do papel da mulher na família (tarefas domésticas, mães trabalhadoras, etc)?	1	2	3	4	5
5. Com que frequência é que o(a) seu/sua companheiro(a) reclama consigo acerca do seu vício pessoal (beber, estar a reclamar, ser desarrumado, etc.) em frente a este filho?	1	2	3	4	5
6. Com que frequência é que reclama com o(a) seu/sua companheiro(a) acerca dos vícios pessoais dele(a) em frente a este filho?	1	2	3	4	5
7. Em todos os casamentos normais há discussões. Com que frequência as discussões com o(a) seu/sua companheiro(a) acontecem em frente a este filho?	1	2	3	4	5
8. Com diferentes níveis, todos experienciamos impulsos quase irresistíveis em alturas de grande stress. Com que frequência há expressão física de hostilidade entre si e o(a) seu/sua companheiro(a) em frente a este filho?	1	2	3	4	5
9. Com que frequência você e o(a) seu/sua companheiro(a) mostram hostilidade verbal em frente a este filho?	1	2	3	4	5
10. Com que frequência você e o(a) seu/sua companheiro(a) mostram afecto um para com o outro em frente a este filho?	1	2	3	4	5

**ICD** (Bondenmann, 2008; versão portuguesa de Vedes, 2013)

Esta escala destina-se a avaliar a forma como você e o seu parceiro(a) lidam com o *stress*. Por favor indique a primeira resposta que achar mais adequada. Seja o mais honesto possível e responda a cada item, assinalando o caso apropriado, que corresponde à sua situação pessoal.

Muito raramente	Raramente	Às vezes	Com frequência	Com muita frequência
1	2	3	4	5

Esta secção é sobre como comunica ao seu parceiro(a) o seu *stress*.

1. Deixo o meu parceiro(a) aperceber-se que eu aprecio o seu apoio prático, conselhos, ou ajuda.	1	2	3	4	5
2. Quando tenho demasiadas coisas para fazer, peço ao meu parceiro(a) que faça coisas por mim.	1	2	3	4	5
3. Demonstro ao meu parceiro(a), através do meu comportamento, quando não ando bem ou quando tenho problemas.	1	2	3	4	5
4. Digo abertamente ao meu parceiro como me sinto e que gostaria de receber o seu apoio.	1	2	3	4	5

Esta secção é sobre o que o seu parceiro(a) faz quando você se está a sentir *stressado(a)*.

5. O meu parceiro(a) mostra-me empatia e compreensão.	1	2	3	4	5
6. O meu parceiro(a) expressa que está do meu lado.	1	2	3	4	5
7. O meu parceiro culpa-me por não lidar suficientemente bem com o <i>stress</i> .	1	2	3	4	5
8. O meu parceiro(a) ajuda-me a ver situações stressantes de outra forma.	1	2	3	4	5
9. O meu parceiro(a) ouve-me e dá-me oportunidade para eu comunicar o que realmente me incomoda.	1	2	3	4	5
10. O meu parceiro(a) não leva o meu <i>stress</i> a sério.	1	2	3	4	5
11. O meu parceiro(a) dá-me apoio, mas fá-lo sem vontade e sem motivação.	1	2	3	4	5
12. O meu parceiro(a) faz coisas, que normalmente sou eu que faço, para me ajudar.	1	2	3	4	5
13. O meu parceiro(a) ajuda-me a analisar a situação para que eu consiga enfrentar melhor o problema.	1	2	3	4	5
14. Quando estou demasiado ocupado(a), o meu parceiro(a) ajuda-me.	1	2	3	4	5
15. Quando estou <i>stressado(a)</i> , o meu parceiro(a) tende a afastar-se.	1	2	3	4	5

Esta secção é sobre como o seu parceiro(a) comunica quando ele/ela se está a sentir *stressado(a)*.

16. O meu parceiro(a) deixa que eu me aperceba que ele/ela aprecia o meu apoio prático, conselhos, ou ajuda.	1	2	3	4	5
17. O meu parceiro (a) pede-me que faça coisas por ele/ela, quando tem demasiadas coisas para fazer.	1	2	3	4	5
18. O meu parceiro(a) demonstra-me, através do seu comportamento, que ele/ela não anda bem ou quando tem problemas.	1	2	3	4	5
19. O meu parceiro(a) diz-me abertamente como ele/ela se sente e que ele/ela gostaria de receber o meu apoio.	1	2	3	4	5

Esta secção é sobre o que você faz quando o seu parceiro(a) demonstra que está *stressado(a)*.

20. Sou empático(a) e compreensivo(a) para o meu parceiro(a).	1	2	3	4	5
21. Expresso ao meu parceiro(a) que estou do seu lado.	1	2	3	4	5
22. Culpo o meu parceiro(a) por não lidar suficientemente bem com o <i>stress</i> .	1	2	3	4	5
23. Digo ao meu parceiro(a) que o seu <i>stress</i> não é assim tão mau e ajudo-o(a) a ver a situação de outra perspectiva.	1	2	3	4	5
24. Oito o meu parceiro(a) e dou-lhe espaço e tempo para ele/ela comunicar o que realmente o(a) incomoda.	1	2	3	4	5
25. Não levo a sério o <i>stress</i> do meu parceiro(a).	1	2	3	4	5
26. Quando o meu parceiro(a) está <i>stressado(a)</i> eu tendo a afastar-me.	1	2	3	4	5

27. Dou-lhe apoio, mas faço-o sem vontade e sem motivação porque penso que ele/ela deveria enfrentar os seus problemas por conta própria.	1	2	3	4	5
28. Trato de coisas que normalmente seria o meu parceiro(a) fazer, para o(a) ajudar.	1	2	3	4	5
29. Tento analisar a situação conjuntamente com o meu parceiro(a) de forma objectiva, e ajudo-o(a) a compreender e a mudar o problema.	1	2	3	4	5
30. Quando o meu parceiro(a) sente que tem demasiado para fazer, eu ajudo-o(a).	1	2	3	4	5

Esta secção é sobre o que você e o seu parceiro(a) fazem quando ambos se estão a sentir stressados.

31. Tentamos lidar juntos com o problema e procurar soluções apropriadas.	1	2	3	4	5
32. Envolvemo-nos numa conversa séria sobre o problema e pensamos sobre o que tem de ser feito.	1	2	3	4	5
33. Ajudamo-nos mutuamente a colocar o problema em perspectiva e a vê-lo de outra forma.	1	2	3	4	5
34. Ajudamo-nos, um ao outro, a relaxar, fazendo coisas como massagens, tomar um banho juntos, ou ouvir música em conjunto.	1	2	3	4	5
35. Somos carinhosos um com o outro, fazemos amor e tentamos, assim, lidar com o stress.	1	2	3	4	5
36. Estou satisfeito com o apoio que recebo do meu parceiro(a) e com a forma como juntos lidamos com o stress.	1	2	3	4	5
37. Estou satisfeito com o apoio que recebo do meu parceiro(a) e considero que como casal, a forma como lidamos juntos com o stress é eficaz.	1	2	3	4	5

Muito raramente	Raramente	Às vezes	Com frequência	Com muita frequência
1	2	3	4	5

O questionário terminou. Leia, por favor, a última página, e preencha as informações solicitadas.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Preencha, por favor, o seu código  
Instruções para o Código

Duas primeiras letras do seu primeiro nome + ano de nascimento + Duas primeiras letras do nome do filho sobre o qual respondeu neste estudo + ano de nascimento do filho + Duas primeiras letras do nome do pai (ou da mãe) do filho + do nome de um objecto

Exemplo:

*Mariana Domingos, nascida em 1977, respondeu sobre o filho Anibal de 9 anos, nascido em 2006; o pai do filho chama-se Francisco; escolheu o objecto "envelope" : MA1977AN2006FRENVELOPE*

O seu código \_\_\_\_\_

Este estudo inclui uma segunda fase de recolha de dados, a qual deverá ocorrer em 2017. Se e só se estiver interessado em participar na segunda fase, queira, por favor, deixar um contacto de endereço electrónico.

Endereço electrónico de contacto \_\_\_\_\_

Muito OBRIGADA!



